[DRAMATURGIA]

PALCOS EM FÚRIA

três trenodias Teatrais de Paulo Biscaia Filho

Paulo Biscaia Filho

[ ][ ]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Lumus EDITORA

Paulo Biscaia Filho

PALCOS EM FÚRIA

Lumus Editora

Fazenda Rio Grande - 2025

Copyright © 2025 by Paulo Biscaia Filho

Título: **Palcos em fúria**
Linha literária: **Dramaturgia**

Rodrigo Guedes
Design de capa
Tâni Falabello e Paula Vendramini
Revisão
Lhaisa Andria
Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Filho, Paulo Biscaia
Palcos em fúria / Paulo Biscaia Filho. --
Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-22-2

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Teatro brasileiro I. Título.

25-254197 CDD-792.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgia brasileira : Teatro : Artes da representação 792.81

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Lumus Editora
Serviços Editoriais
www.lumuseditora.com.br

FAROL EM FÚRIA

Um texto de Paulo Biscaia Filho, 2014

Personagens:
Meg, 20 e poucos
Pops, 30 e poucos
Lizzie, 30 e poucos

Local: Nantucket, últimos dias de outubro de 1947

Cena 1

Blecaute.

Som de um cachorro grunhindo ferozmente. O cachorro ataca. Um chute. O cachorro chora.

Luz.
Lizzie está de pé diante do cachorro. Olhos em pânico. Som de um ferry se afastando. Lizzie está sozinha olhando para um cachorro deitado inerte. Durante toda a sequência, a luz de um farol varre a cena. Aos poucos ela vai se afastando do cachorro e volta seus olhos para o mar. Venta muito.

LIZZIE
(para o público) Nantucket, Nova Inglaterra. 30 de outubro de 1947. Uma ilha esquecida. Há mais de 100 anos era o centro de todas as embarcações que se aventuravam ao redor do mundo em busca do precioso óleo de baleia. Agora, um lugar que luta para se reinventar como um... balneário de verão. O verão acabou. Os poucos hóspedes que vieram em busca de ar fresco deixam a ilha quando as folhas âmbar começam a cair das árvores e os fortes ventos gélidos tomam o lugar da agradável brisa do mar. Até que o sol volte a aparecer por mais de 5 horas no dia, a ilha estará quase abandonada. Não mais de 100 moradores enfurnados em suas casas aguardando o calor reaparecer. Não existe lugar pior para se estar nessa época do ano.

Meg entra segurando um martelo. Olha para Lizzie.

MEG
Lizzie?

LIZZIE
(para o público) EU ERA UMA das 100. Contra MINHA vontade.

MEG
O que é que você tem na cabeça?

LIZZIE
(para o público) Eu queria ir embora, mas Nantucket é a única coisa que me restou.

MEG
Lizzie? O que é que você veio fazer aqui? *(olha para o sapato)* Você tem uma mancha no sapato. *(Lizzie percebe o sangue. Saca um lenço e começa a limpar)* É sangue? De onde veio esse sang... *(Lizzie aponta com a cabeça para o cachorro deitado à frente)* É o Tubarão, cachorro do Pastor Elias. O que foi que você fez com o coitado cachorro do Pastor Elias? Ele vai ficar...

LIZZIE
(Interrompendo) Esse sarnento tentou me morder.

MEG
(para o público) Era verdade. Minha irmã Lizzie estava acostumada a mentir para mim, mas desta vez não havia razão. Quando o querido cachorro do Pastor Elias, que atendia alegremente pelo nome de 'Tubarão', decide morder alguém sem razão aparente, é por que não restaram razões para mais nada.

MEG
O tubarão nunca foi de morder. Estranho? O tubarão atacando. O que você fez para ele querer te atacar? Você deve ter feito alguma coisa, não fez? Um chute só? Eu não seria capaz de fazer isso com o coitado do tubarão. Ele morreu? Eu não sei se ele morreu. Ele tentou te atacar, é? Tem que tomar

cuidado com esses bichos. Ismael, o padeiro, que Deus o tenha, foi mordido pelo cachorro daquela açoriana no ano passado. Morreu. Raiva. *(olha para a luz do farol)* O farol está funcionando já. Verdade. Dá pra cortar o nevoeiro com faca. E dizem que vem uma tempestade por aí.

LIZZIE
Dizem? Quem?

MEG
As pessoas...

LIZZIE
Quem?

MEG
Pessoas. Não sei. *(retoma assunto)* O Ismael. Raiva. Foi o que o Dr. Herman disse. Raiva. Horrível. Ficou delirando por dias antes de morrer. Espumava. A mulher dele foi embora depois da morte dele. Raiva, imaginou? Raiva. Você acha que esse cachorro estava com raiva? *(Lizzie dá de ombros)* Ele morreu mesmo?

LIZZIE
Dizem que Aruba é ótimo nessa época do ano.

MEG
O que é que você veio fazer aqui, Lizzie?

Silêncio.

LIZZIE
(para o público) Eu não tinha mais forças para dizer que só tinha vindo contemplar a última... ou penúltima chance que tinha para sair dali.

MEG
(para o público) Eu tinha 15 anos e Lizzie quatro a mais. Em uma noite, depois de chorar sozinha em seu quarto, fugiu para o continente. Havia um mundo de possibilidades lá fora. Depois de alguns anos cruzando as ruas de Nova York, conheceu um executivo da Bolsa de Valores que gostava de se divertir. Eles se divertiram por alguns anos, até que Lizzie deixou de ser divertida para ele. Sem nenhum lugar para morar, voltou à pousada de sua família aqui em Nantucket. Naqueles anos fora, a mãe morreu de pneumonia e o pai a seguiu um ano depois. Ela não fazia ideia. Passei a cuidar do lugar sozinha. Um dia ela voltou. Ela nunca me disse a razão, mas eu sabia, eu sabia que não era uma das boas.

LIZZIE
Só vim acompanhar o Sr. Melville até a barca para o continente.

MEG
O marido daquela milionária?

LIZZIE
Era a penúltima barca pro continente.

MEG
Você e ele não...?

LIZZIE
Dez dólares. Foi tudo o que aquele sovina me deu. Dez dólares.

MEG
Você prometeu que nunca mais... *(olha para o cachorro)* Ele se mexeu? *(de novo para Lizzie)* Você tem que vir me ajudar a arrumar...

LIZZIE
Só mais uma barca vem para cá e depois... Seis meses sem contato nenhum com o resto do mundo. Pra que a pressa com as camas depois que esses hóspedes foram embora? Elas podem ficar desarrumadas até maio.

MEG
E você sabe desarrumar camas, não?

LIZZIE
É um talento que você precisava desenvolver.

MEG
Uma já basta na família.

MEG
(para o público) Lizzie gostava de mim. Eu também gostava de Lizzie. Irmãs são assim mesmo, Lizzie e eu pensamos ao mesmo tempo. Ela aceitou a ofensa e calou-se. Afinal de contas, eu não havia exatamente mentido. EU nunca mentia. Apenas... omitia.

MEG
Esse cachorro morreu mesmo? Você matou mesmo esse bicho só com um chute? Você vai ficar muito tempo aqui? Vou fazer um chá em casa. Se você quiser, faço um para você também. Vou terminar de arrumar as coisas da cozinha e depois vou ler uma revista de mistério. Isso é a melhor coisa da temporada ter acabado. Posso ler minhas revistas de mistério sem nenhum hóspede me interrompendo. Comecei a ler a última edição ontem, te falei? Está sensacional *(para o cachorro)* Ele se mexeu. Você não viu o Tubarão se mexer? *(volta a contar)* Não dá pra largar. O ex-policial estava no bar. Ele tentava fugir de tudo, mas tentava fugir principalmente dela. Aquela mulher misteriosa. Ele estava apaixonado, mas ao mesmo tempo a desprezava.

A voz de Meg desaparece sob a voz do Narrador. Lizzie revira os olhos.

LIZZIE

(para o público) Meg era uma garota estranha. Estranha de um jeito que apenas alguns poucos homens estranhos entenderiam. Em seus 27 anos de vida, Meg foi desprezada por todos os pretendentes possíveis de Nantucket. Todos os 7. Ela sempre foi estranha. Sua mundo eram aquelas revistas baratas de mistério. Só pensava nisso. Ela não sabe, mas sua mania por ficar vivendo dentro daquelas páginas eram motivo de chacota para todo mundo na ilha. Assim como minha... conduta com os hóspedes. Aqui em Nantucket não havia nenhum homem estranho o suficiente para gostar de minha irmã. Bem, ao menos eu ainda não conhecia nenhum...

MEG

(silenciosamente, sob a voz do narrador) Então ele foi beber depois de solucionar o caso da morte do magnata brasileiro da borracha. Ele deveria estar feliz, mas não conseguia tirá-la da cabeça. Então ela entra. Usando seus saltos altos. Ele a reconhece pelo som dos sapatos. Então levanta o rosto e dá de cara com o cano de um revólver. Você acha que ela vai dar um tiro nele, mas não. Ela vem oferecer mais um caso para ele. Um caso de desaparecimento de uma garota viciada em ópio. Eu não sei como é esse tal de ópio, mas deve ser uma coisa horrível. A palavra é boa de dizer. Ópio. Ópio. Ópi... *(para o cachorro)* Esse cachorro está morto mesmo? *(volta a sua narrativa apaixonada)* Então ele saca a arma de volta para ela e em vez de atirar... em vez de atirar... ele fala alguma coisa em seu ouvido e sai do bar de peito erguido. Não dá pra saber o que é que ele diz no ouvido dela. Não está escrito, mas dá pra imaginar o que um homem como ele diria ao ouvido de uma mulher como ela. Mas ele sai do bar, até que ele ouve atrás dele o som dos sapatos da mulher misteriosa. Então, ele pára. Os dois

querem se matar tanto quanto querem se amar. *(suspira)* Comecei a ler o sétimo capítulo também, ele não resiste a...

LIZZIE
Em vez de só ler isso, você não queria pelo menos viver isso uma vez?

MEG
Não. Ler já é emocionante. *(pausa)* E bem mais seguro. *(pausa)* Você quer ir embora?

LIZZIE
Dizem que a Tailândia é ótima nessa época do ano.

MEG
Tailândia? Com dez dólares?

LIZZIE
Pois é.

MEG
Não é tão ruim assim.

LIZZIE
É pior.

MEG
Que mal pode acontecer com você em Nantu...

(um rosnado, o cachorro morde Meg. Ela cai e reage. Instintivamente começa a dar socos no bicho. Sangue respinga por todo seu rosto. Ela parece estar possuída. Depois de transformar o corpo do cachorro em uma polpa, se afasta. Lizzie observa a cena em choque. A luz do farol para de girar. Meg corre em direção aos braços de Lizzie. De repente percebe algo estranho)

MEG
Por que a luz do farol parou?

CENA 2

MEG
(para o público) Lizzie e eu olhávamos em direção ao Farol, mas não encontrávamos nada. Com a luz apagada, aquela torre havia desaparecido no meio da neblina. Mesmo assim nós olhávamos para a frente como quem vê a morte carregando sua foice para arrancar sua alma. Não havia razão para isso. Não havia razão para mais nada.

LIZZIE
(para o público) Depois de alguns segundos, a bruma começou a ser cortada por uma sombra que corria em direção a nós duas. Um novo calafrio correu pela minha espinha. Imagino que a bebida me já subia a cabeça e acreditei que aquela silhueta fantasmagórica pertencia a um espírito que voltou para carregar minha alma para o inferno.

Entra Pops. Meg dá um passo à frente. Lizzie está de olhos fechados.

POPS
Eu vi tudo. O cachorro. Ele mordeu?

MEG
Mordeu. Ainda doi um pouco, mas vai ficar tudo bem.

POPS
Se você quiser...

MEG
Está tudo bem, Pop.

POPS
É perigoso, Margaret.

MEG
Vou ficar boa.

POPS
É melhor você sair logo daqui. Uma tempestade está chegando.

LIZZIE
Uma o que?

POPS
Uma tempestade. A caminho da ilha.

LIZZIE
Quem disse?

POPS
A marinha. Pelo rádio.

LIZZIE
Ah!

MEG
Então é melhor irmos logo, Lizzie. As camas...

LIZZIE
(que já se acalmou e compreendeu a relação entre Meg e Pop) Não vai me apresentar seu amiguinho, Meg?

MEG
Você nunca...

LIZZIE
Nunca.

MEG
Pop. Lizzie. Lizzie. Pop.

LIZZIE
(estendendo a mão para POPS e tentando esconder sua embriaguez) Pop. Um nome um tanto...

MEG
(para o público) Lizzie estava prestes a dizer algo profundamente deselegante, mas um lampejo de sobriedade segurou aquela palavra em sua garganta. POPS era de fato um nome estranho. POPS era um homem estranho. Um homem estranho que só pode ser compreendido por uma garota estranha.

LIZZIE
... um tanto intrigante.

POPS
Os rapazes no exército me deram esse apelido. Porque eu vivia contando histórias do meu avô. O "Velho Pops". Já nem me lembro mais quando foi a última vez que me chamaram pelo meu nome de batismo.

MEG
(para o público) Ele nem se lembrava mais de seu nome verdadeiro. Eu sabia que não podia ser POPS, então fui ver nos registros da biblioteca onde ele tinha uma carteirinha: Ebenezer Abraham Hogswood. *(para a cena de volta)* Ai!!

POPS
(para Meg) Isso em sua perna pode infeccionar.

MEG
Eu já falei que estou bem.

POPS
Ao menos me deixe ver melhor...

POPS
Você é médico?

MEG
Ele mora no Farol.

LIZZIE
No farol?

POPS
É minha casa.

MEG
Trabalho também.

LIZZIE
Achei que essas coisas acendiam sozinhas.

POPS
(analisando as mordidas na perna de Meg) É o que querem, mas por enquanto ainda estou ali.

LIZZIE
Por que é que você nunca me falou de Pops, Meg?

MEG
Não havia razão.

(POPS tenta esconder que ficou magoado com a afirmação de Meg)

POPS
Nos encontramos na biblioteca uma ou duas vezes.

MEG
Ele nunca sai do Farol.

LIZZIE
(se afastando para acender um cigarro) Desde quando você faz isso?

POPS
Desde que voltei da... Europa.

Lizzie
Guerra?

POPS
Sim.

LIZZIE
Soldado?

POPS
Fuzileiro. Nona brigada.

LIZZIE
Nazistas, hum?

POPS
Alguns.

LIZZIE
Matou muitos?

POPS
Prefiro não...

(Lizzie, que havia acendido um fósforo para seu cigarro, assopra a chama e se aproxima de Pops)

MEG
(para o público) Eu conhecia aquele olhar de Lizzie. Toda vez que ela olhava daquele jeito, é porque ela estava lembrando de Robert Longfellow. Robert Longfellow. Foi tudo o que eu soube sobre o amante de Lizzie nos anos em que esteve longe da ilha. Apenas seu nome. Mais nada.

LIZZIE
(para o público) Robert era menos divertido quando falava de trabalho. Certa vez comentou que soldados da Nona Brigada, que entraram em Berlim no final da Guerra haviam embolsado dezenas de barras de ouro que os nazistas tinham escondido. "Roubaram os comedores de chucrute", ele dizia, "E os canalhas nem pagaram imposto pelo tesouro." Robert falava entre um martini e outro.

LIZZIE
(indo até Pop) Fogo?

POPS
O que?

LIZZIE
Cigarro. Fogo. Entende. Você tem fogo?

MEG
(tentando se manter em pé) O farol deveria estar apagado no meio dessa neblina?

POPS
Merda! *(olha para elas)* Desculpe meu francês.

Meg desmaia. POPS consegue estender os braços e aparar sua queda.

POPS
Margaret!

LIZZIE
Meg!

POPS
Precisa chamar o Dr. Hermann.

LIZZIE
Ele não está na ilha. Eu o vi entrando na barca para acompanhar um paciente até o hospital em New Bedford. Deve voltar na próxima barca.

POPS
Eu poderia acompanhá-las até sua casa, mas preciso retornar ao farol antes que...

LIZZIE
Você tem um kit de primeiros socorros lá?

POPS
No Farol?

LIZZIE
Onde mais?

POPS
Claro.

LIZZIE
Então vamos até lá. Agradeceria muito se pudesse cuidar de minha irmãzinha até a volta do Dr. Herman. É apenas um arranhão. Meg não pode ver sangue. Desde garota. Sempre passava mal quando ralava os joelhos.

LIZZIE
(para o público) Não demorou muito para eu voltar a mentir. Meg era a única na família a fazer curativos.

POPS carrega Meg em seus braços e eles começam a caminhar em direção ao Farol

LIZZIE
(para o público) As trezentas jardas que separavam o cais do Farol foram as mais longas que já caminhei. Andamos em silêncio até a torre. Dez dólares poderiam me levar de volta a Nova York, mas não podia mais voltar lá. Não depois daquela noite em que Robert Longfellow falou que não queria mais se divertir comigo. Não depois de eu ter perdido o controle, quebrar uma garrafa de gin na escrivaninha de mármore de Robert. Não depois de enfiar a garrafa no crânio dele. Não depois de fugir até Nantucket escapando de uma prisão apenas para cair em outra. Uma ou duas barras de ouro nazista seriam capazes de me levar para as Ilhas Seychelles. Dizem que lá é ótimo nessa época do ano. Não faltavam razões para que aquele plano fosse o maior erro de minha vida. Um erro maior que matar um milionário de Wall Street. Mas razão não significava nada naquela ilha.

CENA 3

Interior do Farol. Noite. POPS repousa Meg sobre um pequeno colchão que está ao lado de um oratório com vários *scrimshaws* e uma caixa de madeira. Duas ou três revistas espalhadas no chão. Uma caixa com uma grande chave de força em um canto opera o Farol. Um rádio comunicador em outro canto. Lizzie vem logo atrás. Ela vasculha o ambiente com os olhos. Trovão. Raios.

POPS
A tormenta está chegando mais cedo do que o esperado.

LIZZIE
Estamos protegidos aqui?

POPS
Não há lugar mais seguro na ilha.

LIZZIE
Como ela está?

POPS
O que é que este cachorro tinha?

LIZZIE
Cachorro doido do Pastor Elias. Nunca gostei dele. Bem, nunca gostei do dono dele.

(Ainda desacordada, Meg tem alguns espasmos)

VOZ NO RÁDIO
Pequod 1 para Brant Point, câmbio? Pequod 1 para Brant Point, câmbio?

POPS
(Levanta-se para religar o farol) Cuide de sua irmã um instante.

LIZZIE
(dissimulada) Cuidar? Eu não sei o que fazer.

POPS
(estranhando) Apenas fique com ela.

(Pops vai até o rádio. Lizzie senta ao lado de Meg. Dividida entre uma preocupação em o que fazer com a irmã e continua a vasculhar o farol. Aos poucos Meg desperta)

VOZ NO RÁDIO
Pequod 1 para Brant Point, câmbio? Pequod 1 para Brant Point, câmbio?

MEG
Onde é que nós estamos?

LIZZIE
Seu amigo nos trouxe para o farol.

MEG
Pops?

POPS
(No rádio) Brant Point respondendo, Pequod 1. Câmbio.

LIZZIE
É bom você melhorar logo. Suas revistas de mistério estão te esperando em casa.

VOZ NO RÁDIO
Pops, onde é que você estava, homem? câmbio.

MEG
E as camas que tem que arrumar.

POPS
Problemas em terra, comandante Starbuck, câmbio.

LIZZIE
Você acaba de ser mordida por um cachorro, desmaia e não pára de pensar nas malditas camas?

VOZ NO RÁDIO
Percebemos que a luz do farol apagou em nossa rota para Hyannis. Tudo certo ai ?

MEG
Se eu morrer, quem vai cuidar da pousada?

POPS
Positivo, comandante. Problemas técnicos já solucionados. O Brant Point estará operante em um minuto, câmbio.

LIZZIE
Você não vai morrer.

MEG
Eu estou tão enjoada.

VOZ NO RÁDIO
É bom que esteja tudo em plena operação, Pops.

LIZZIE
Você está interessada nesse tal de Pops, não?

VOZ NO RÁDIO
As ondas estão nervosas por aqui e a neblina está começando a dissipar só pra nos trazer uma tempestade daquelas.

POPS
positivo.

MEG
Que loucura, Lizzie! Que pergunta. Acabei de ser mordida por um cachorro e desmaiar.

VOZ NO RÁDIO
Mais dura que um filé de barracuda. Nosso último retorno

à Nantucket acontece em uma hora. Garante a operação? câmbio.

LIZZIE
E qual o problema?

POPS
Positivo

MEG
Não é apropriado.

LIZZIE
Por que?

VOZ NO RÁDIO
Se surgir mais algum problema, informe. Sem o farol... *(A estática toma conta do som)*

POPS
Pode repetir, Pequod 1? câmbio.

MEG
E além do mais eu jamais me interessaria por um homem do tipo dele.

POPS
Pequod 1, pode repetir? câmbio.

LIZZIE
Estava mais do que na hora de você conhecer alguém, irmãzinha.

MEG
E por que é que eu estaria interessada por um... Por um... Por um faroleiro!?

VOZ NO RÁDIO
Sem o farol, teremos de abortar a rota. Copia? câmbio.

LIZZIE
Ele parece gostar bastante de você. Onde é que vocês se conheceram?

MEG
Na biblioteca. Ele vai lá de vez em quando.

POPS
Positivo. Tenha uma boa navegação. Câmbio.

VOZ NO RÁDIO
Obrigado, Brant Point. Câmbio final.

POPS.
Câmbio final.

LIZZIE
E vocês já foram para a cama?

(POPS vai até a caixa de força e religa o farol. Ele precisa levantar a chave e acionar algumas manoplas para isso)

MEG
Que horror! Cale a boca.

LIZZIE
Você sabe o que dizem sobre negros...

MEG
Lizzie!

LIZZIE
Ele é estranho, mas parece ser... Gentil.

MEG
Admito que tivemos conversas agradáveis na biblioteca. Só isso.

LIZZIE
E do que vocês falaram?

MEG
De revistas de mistério na maioria das vezes. Confesso que é um homem interessante, mas ele também me dá medo. *(Desconversa)* Muito me estranha você querendo que eu sinta algo por alguém como ele.

LIZZIE
Por que ele é pobre?

MEG
Não! Por que ele é... Negro. O que as pessoas da ilha iriam dizer?

LIZZIE
Uau, você deve estar passando mal mesmo. Vou fazer de conta que não ouvi você falando isso.

MEG
E além do mais ele não é mais pobre do que eu ou você. Ha! Uma vez ele me disse que tem até um tesouro. Que bobagem.

LIZZIE
Um tesouro? De que tipo?

MEG
Se você pudesse se olhar agora, Elizabeth Mayfair.

LIZZIE
Só estava perguntando. Que tipo de tesouro?

MEG
Eu não sei. Não falou nada. Provavelmente uma história boba para me fazer vir aqui. Ele é estranho.

LIZZIE
Não mais estranho que você.

POPS
Margaret, como você está?

LIZZIE
E o tal kit de primeiros socorros que você disse que tinha aqui?

(Ele pega uma caixa de latão ao lado do rádio. Ajoelha junto a Meg e abre a caixa)

POPS
(Para Lizzie) Você sabe o que fazer?

LIZZIE
Você é o soldado aqui e não sabe o que fazer?

POPS
Um kit de primeiros socorros nunca ajudou muito quem leva 50 tiros de metralhadora na cara.

LIZZIE
Não precisa ser rude, soldado Pops.

POPS
Não tem como ser gentil quando você está frente a frente com um Pelotão nazista apontando todo tipo de arma que existe para meio de seu nariz.

LIZZIE
E você espera que uma garota como eu saiba qual é a etiqueta adequada para um grupo de soldados alemães assassinos?

MEG
É tão difícil assim entender o que é que tem que fazer? *(Silêncio)* Alguém pode me dar as ataduras para esta mordida de cachorro na perna?

LIZZIE
Claro.

POPS
Não parece ser tão grave. Talvez...

MEG
Só me dê um antisséptico e as ataduras. se vocês dois não conseguem olhar para um tiquinho de sangue. Deixe que eu faço o resto.

POPS
Eu achei que você não pudesse ver sangue.

MEG
O que?

LIZZIE
Deve ser o choque.

(Pops dá a Meg o material e observa atentamente enquanto ela mesma prepara o curativo. No meio do processo, Meg tem mais um calafrio. Pops põe a mão em sua testa)

POPS
Ela está ardendo de febre. Lá embaixo. Na despensa. Há uma toalha. Logo ao lado da torneira.

CENA 4

LIZZIE
Ela vai ficar bem?

POPS
Ficarei com Margaret enquanto você busca a toalha com água fria.

LIZZIE
Meg, tudo bem?

(Meg não responde. Ela parece querer vomitar)

LIZZIE
Tudo bem. Eu já volto.

(Lizzie desce e sai de cena, mas antes dá uma bela olhada na caixa que está ao lado dos scrimshaws no oratório. Pops fica sozinho com Meg. Enquanto ela tem mais alguns calafrios, Pops observa seu corpo trêmulo em um prazer resignado)

LIZZIE
(para o público) Fuzileiro Naval Ebenezer "Pops" Hogswood. Um desses garotos ingênuos que foi lutar na Europa contra os nazistas. Peito cheio de orgulho e cabeça completamente vazia. Conheci dezenas deles. Mas nenhum como Pops.

MEG
Você tem uma revista de mistério aí?

POPS
O que?

MEG
Vai me distrair. Leia para mim.

POPS
Ler?

LIZZIE
(para o público) Viu amigos serem despedaçados por granadas, corpos mutilados de crianças debaixo de tanques Panzer e todo tipo de horrores que um simplório rapaz de Boston não deveria ver. Bem, que qualquer pessoa não deveria ver. Mas ele viu.

MEG
Uma revista de mistério. Talvez o volume 7 do Máscara Negra.

POPS
Tem certeza?

LIZZIE
(para o público) E algo mudou dentro de Pops. Como se um demônio milenar adormecido no fundo de sua alma tivesse acordado.

MEG
A terceira história. Aquela onde a herdeira do aço seduz o detetive Nolan para...

LIZZIE
(para o público) Ele passou a contemplar a imagem da dor em outros. Nada lhe dava mais prazer do que ver alguém sofrer.

POPS
Não quero tirar os olhos de você.

MEG
Então me conte de cabeça. Você sempre sabe essas histórias de cabeça.

POPS
Isso vai te fazer sentir melhor?

MEG
Sim.

POPS
Tem certeza?

MEG
Não, mas conte mesmo assim.

(Meg se levanta)

POPS
Você não devia ficar deitada?

MEG
Se eu ficar deitada mais um minuto, sou capaz de vomitar em sua cama.

POPS
Eu não me importo.

MEG
Não diga uma coisa dessas! Que horror! Conte a história!!!!

POPS
Tudo bem.

LIZZIE
(para o público) Em uma noite depois de escapar de um ataque de bombardeiros, Pops encontrou uma garota escocesa que passava alguns dias em Dover.

POPS
Era noite em Chicago e estava chovendo.

LIZZIE
(para o público) Eles foram até um hotel e ele iniciou uma noite de suplícios que só terminou com uma garota com o rosto retalhado e cada um de seus dentes arrancados.

POPS
Dedos cortados estavam aparecendo nas ruas da cidade e os habitantes estavam assustados. Dez assassinatos em dez semanas.

LIZZIE
(para o público) O exército encobriu a história, dispensou Pops e o mandou no lugar mais distante e improvável do planeta. Um farol em Nantucket.

POPS
A única pista eram os dedos e um abridor de cartas de prata com as iniciais H. C. . A lista telefônica possuía mais de 600 nomes com aquelas iniciais. A polícia estava perplexa e ninguém sabia mais o que fazer.

MEG
Exceto pelo detetive Nolan.

POPS
Exceto pelo detetive Nolan.

MEG
Um policial ridicularizado por seus colegas que passava mais tempo bebendo bourbon do que investigando crimes.

POPS
Você quer que eu conte a história ou vai contar sozinha, Margaret?

MEG
Desculpe. E eu já disse para me chamar de Meg. Pode continuar.

POPS
Quando ele conhece Helen Cox,

MEG
Helen Cox...

POPS
...herdeira do presidente de uma grande siderúrgica, Nolan se apaixona imediatamente. Sua beleza e aparente fragilidade eram a combinação perfeita para o tipo de garota que mexia com a cabeça de Nolan. Ele estava tão apaixonado que começou a deixar o bourbon de lado para poder ficar com ela. Até que...

MEG
Ele encontra em sua bolsa algo que fez um calafrio subir a sua espinha.

(Pops olha mais uma vez em sinal de repreensão)

MEG
Desculpe. É que eu adoro a parte em que ele encontra na bolsa de Helen um abridor de cartas de prata com suas iniciais.

POPS
Quando eles chegam em casa, Helen confessa a Nolan que seu pai Herbert Cox era o assassino. Ele a violentava seguidamente e tinha um poder absoluto sobre ela. Nolan tenta pegar

a arma em seu paletó, mas só consegue pensar em pegar um copo de...

MEG
Bourbon...

POPS
Quer um gole?

MEG
De que?

POPS
Bourbon.

MEG
No meu estado. Não sei se é a melhor ideia.

POPS
Talvez...

MEG
Onde está minha irmã?

POPS
Foi buscar uma toalha. Para sua...*(limpa a garganta)* febre.

MEG
Por que ela está demorando?

POPS
Você quer ir embora?

MEG
Não. Eu só queria... ficar melhor.

POPS
Olhe para sua pele. Você está toda arrepiada. Eu vi isso acontecer com o padeiro...

MEG
Não fala isso!

POPS
Lembra que eu queria te mostrar meu tesouro?

MEG
Tesouro?

POPS
Lembra da cachalote que apareceu na praia uns meses atrás?

MEG
Lembro. Olhei para os olhos mortos dela. Parecia que ela tinha certeza que aqui era o único lugar para morrer. Como se tivesse sentido o cheiro do sangue de todas as baleias que foram cortadas aqui.

POPS
(mostrando um dente de baleia) Esses são os dentes dela.

MEG
Você arrancou?

POPS
Ela não vai sentir falta.

MEG
Acho cruel...

POPS
(estende o dente para Meg) Olha.

MEG
(olhando) Um desenho.

POPS
Meu avô era do Açores. Arpoador de navios baleeiros. Um dos melhores. Pops. Diziam que ele era estranho, mas para mim era um homem bom. Me ensinou a fazer scrimshaw.

MEG
Scrimshaw?

POPS
Isso aí. Desenho em osso de baleia. Fiz de cabeça. Essa imagem estava em um mausoléu que visitei quando estava na França.

MEG
É bonito. De um jeito estranho.

POPS
É pra você.

MEG
Obrigada. *(Eles se olham longamente em silêncio. Ela não se contém e beija os lábios de Pops. Ele se afasta)* Me perdoe, eu não queria.

POPS
Não. Não é isso. Você é uma boa garota. Boa demais para mim. Quando eu olho para seu rosto, penso que devia ser uma pessoa diferente de quem eu sou. Olho para você e vejo que devia envolver seu corpo em meus braços, protegendo, cuidando, amando. Eu devia fazer isso e ser um homem melhor. Você me faz querer ser a pessoa que eu deveria ser.

MEG
Eu não me importo mais com o que as pessoas podem achar...

POPS
(interrompendo) Mas eu não sou essa pessoa. Então eu olho de novo para você e penso que o que a única coisa que eu saberia fazer com você é arrancar suas roupas, amarrar suas mãos até que o sangue escorra de seus pulsos e manche a corda. Violentá-la até que você não tenha mais voz para gritar e somente então pegar uma faca para começar a arrancar cada pedaço de pele do seu corpo, dia após dia, durante meses, anos... até chegar em seu rosto. E então começar a arrancar seus dentes, seus ossos. Mas jamais matá-la. Gravar imagens do teu corpo fraco sobre os seus ossos arrancados. Como em scrimshaws. Contemplar tua eternidade naqueles desenhos. Ouvir todos os dias tua voz fraca e quase morta pedindo para eu parar. E eu não vou parar. Farei de tudo para morrer antes de você. Só para poder te ver sofrer até o último dia da minha vida. É isso o que eu quero de verdade. *(respira)* É por isso que eu nunca quis realmente que você viesse aqui. Porque eu a amo o suficiente para querer fazer todas essas coisas com você. E ao mesmo tempo me importo o suficiente com você para que fique o mais longe possível desse farol.

(Eles se olham. Estáticos. Um trovão. Relâmpago. A chuva fica ainda mais forte. Lizzie retorna com a toalha)

LIZZIE
A toalha não estava onde você disse que ...

(ela percebe que há no ar uma tensão que se pode cortar com uma faca)

MEG
Vamos embora, Lizzie.

LIZZIE
Agora temos que esperar a tempestade passar. Ou pelo menos até que a próxima barca chegue. Com o Dr. Herman, é claro...

MEG
Vamos embora, Lizzie antes que...

(Meg corre para um canto e se escora em uma parede. Mais algumas rajadas de trovão. Meg corre de novo para frente e vomita algo amarelo e viscoso. Lizzie vai ampará-la)

LIZZIE
Você está bem?

MEG
(Se recompondo) Tudo vai ficar bem. Só preciso ir ao toalete e depois vamos embora. Não importa se o mundo está caindo lá fora. Não deve ser pior do que esse lugar. *(para Pops. Injuriada)* Existe algum toalete aqui?

(Pops aponta para uma porta. Sua cabeça está baixa em vergonha. Meg anda em direção ao banheiro. Cambaleia. Consegue manter-se em pé. Olha mais uma vez com ódio para Pops e finalmente sai)

CENA 5

(Lizzie olha para Pops com a cabeça baixa)

LIZZIE
Eu nunca a vi falar desse jeito com outra pessoa. Com outra pessoa além de mim, é claro. O que foi que você fez?

POPS
Nada. Ela não está bem. Acho que aquele cachorro fez alguma coisa com ela. Você precisa levá-la ao médico antes que seja tarde. Você viu o que aconteceu com o Ismael, o padeiro.

LIZZIE
Ah, sim. O Ismael. Eu sei. Raiva. Todo mundo nessa ilha só falava disso quando aconteceu. Febre e delírio. Raiva. Ficou imaginando que sua mulher era uma serpente marinha e tentou arrancar sua cabeça com um machado. Todo mundo já sabe disso. Ficam falando só disso e se esquecem que existe um mundo inteiro lá fora. Um mundo onde existem coqueteis preparados por hábeis barmans espanhois, um mundo onde as pessoas festejam 365 dias no ano. Onde são felizes e livres. Um mundo bem longe de cachorros com raiva. E antes que você me acuse de não me importar com minha irmã, eu já vou dizendo que eu a amo como ninguém nesse mundo. Ela só tem... ambições diferentes das minhas. Mas eu a amo. Eu sou mais velha e sempre fui a caçula. Ela vai ficar bem, vamos esperar a barca voltar com o Dr. Hermann, ela vai ficar boa, vocês vão conversar um pouco e eu...

(ela deixa a toalha sobre o oratório e mais uma vez olha para a caixa misteriosa. Respira fundo e vemos aos poucos ela construindo uma nova personagem)

LIZZIE
(para o público) Não pense que era fácil. Eu odiava ir para a cama com todos aqueles homens que passavam pela pousada da família Mayfair. Ao contrário do que todos na ilha pensavam, não nasci para isso. Você pode dizer que eu até sou romântica. Não é pelo dinheiro, mas para poder encontrar romance no Caribe, no Rio de Janeiro, na Grécia. Dizem que as ilhas gregas são ótimas nessa época do ano. Mas eu não estava ali. Depois que aqueles hóspedes gemiam entre as minhas pernas, eu me

virava e começava a chorar. É natural que ganhasse apenas 10 dólares depois. Nenhum daqueles homens era capaz de entender o que se passava no meu coração. Nenhum deles estava interessado em entender. Jogavam uma nota de 10 dólares sobre meu corpo e iam embora o mais rápido possível.

POPS
Talvez seja melhor mesmo vocês esperarem em casa.

LIZZIE
Nessa tempestade? Agora não temos mais como.

POPS
Mesmo assim. Sua irmã está...

LIZZIE
Meg é uma garota doce. Frágil. Um soldado como você deve estar em busca de algo mais excitante que minha pobre irmãzinha. Alguém que possa oferecer aquilo que você realmente quer. Conheci alguns soldados em Nova Iorque. Sei muito bem o que eles querem.

POPS
O que você quer dizer com isso?

LIZZIE
Talvez eu não esteja querendo dizer... nada.

(Vai até Pops e lhe oferecendo um longo beijo)

VOZ NO RÁDIO
Pequod 1 para Brant Point.

(Pops olha para ela. Inicialmente confuso. Então um demônio nasce dentro dele e ele a pega pelos braços e a joga contra a cama)

LIZZIE
Calma, soldado. Eu sou mais forte que Meg, mas isso não quer dizer que...

(Pops arranca a parte de cima das roupas de Lizzie. Ela estranha, mas ele começa a beijá-la no pescoço e ela acredita que as coisas vão se estabilizar por ali)

VOZ NO RÁDIO
Pequod 1 para Brant Point. As coisas estão ficando feias por aqui. Fique a postos para ajuda. Previsão de chegada em 15 minutos. Copia, Brant Point?

(Eles ignoram o rádio. Lizzie passa a gostar da atitude dele até que ele morde um pedaço de seu corpo. Entre o pescoço e o ombro. Sangue jorra)

VOZ NO RÁDIO
As ondas estão pesadas por aqui, Pops. Diminua o ciclo do Farol para que possamos ver melhor o caminho, Brant Point. Copia? É melhor você cuidar de nós, Brant Point, estamos aqui com 50 passageiros, incluindo o Dr. Herman e a Sra. Worden que está levando os mantimentos para vocês se virarem na ilha durante o inverno.

(O rádio sai do ar. Ela grita. Então ele tapa a boca de Lizzie e levanta sua saia. Começa a violentá-la como um animal, mas não consegue chegar a gozar. Se afasta um pouco de seu corpo e Lizzie dá um chute em seu rosto. Seu corpo bate contra o painel de acionamento do farol e ele desliga. Sangue escorre pelo nariz de Pops. Ele olha ainda mais furioso. Dá um tapa em Lizzie com as costas da mão e ela cai mais uma vez no chão. Ele pega a toalha para amordaçá-la. Levanta o corpo de Lizzie e amarra em uma corda pelo pescoço)

POPS
Meu avô contava que uma cachalote era o bicho mais difícil de pegar. Mordia a proa dos botes e cabeceava até derrubar todo mundo ali. Quanto mais ela lutava, mais crescia a vontade em atravessar o animal com o arpão. O primeiro arpão era só pra cansar a baleia.

LIZZIE
Você está delirando! Pára com isso.

POPS
Quando ela estava parada, o segundo arpão era para enfiar no coração.

LIZZIE
Não!!!

POPS
Meu velho avô contava que depois que eles matavam a cachalote, ela era levantada ao lado do navio para que eles começassem a arrancar a pele em busca do óleo, em busca do aroma único do ambergris. Em busca daquilo que os faria voltar para a terra como herois. Como homens de verdade. Os homens foram feitos para arrancar os ossos de tudo o que não é ele mesmo.

(Ele a levanta pela corda, mas ela consegue fazer com que suas mãos evitem que a força quebre seu pescoço. Debate-se no ar. Raios e trovões. MEG sai do banheiro com os olhos em fogo)

MEG
Largue essa arma, Detetive Nolan!

VOZ NO RÁDIO
Pequod 1 para Brant Point. O que foi que você fez? Não temos visibilidade nenhuma. Copia?

(Pops larga a corda. Lizzie cai no chão e tenta recuperar seu fôlego enquanto observa a cena)

CENA 6

Enquanto segura o dente de cachalote fixamente em suas mãos, Meg solta um grito desmedido de origem quase aleatória e olha para Pops fixamente.

POPS
Com mil demônios.

MEG
Há apenas um demônio aqui. *(voltando a ser Meg)* É linda essa cena. *(voltando a ser Helen Cox)* E você está olhando para ela. Helen Cox, a mulher que fez você ser quem você é.

POPS
O que?

MEG
Não se faça de inocente, Nolan. Você me amava, não amava?

POPS
Os delírios da raiva. Eles tomaram conta de você, Meg?

MEG
Quem é essa Meg? Não me confunda com uma de suas garotas baratas. Sou Helen Cox, herdeira da Siderúrgica Cox e você é o Detetive Lloyd Nolan da Delegacia de Homicídios de Chicago, o homem que dizia que me amava...

POPS
Você não está bem.

MEG
Você não está bem!!! Você não está nada bem. Poderia ter ficado quieto. Em vez de ser um detetivezinho barato e vasculhar minha bolsa em busca de evidências, deveria ter sido homem e fazer amor comigo como um animal. Por que é isso que homens de verdade fazem. Mas não. Você é fraco. Como todos os outros. Fraco. E agora vai pagar o por sua ignóbil fraqueza. *(voltando a ser Meg)* Eu sempre gostei dessa palavra: ignóbil... Ignóbil... Ignóbil... *(voltando a ser Helen Cox)* Você me amava, não?

POPS
(Se resignando diante do delírio de Meg e se envolvendo por sua própria loucura. Ele caminha até ela) Muito bem. Bata em meu rosto. Bata exatamente como Helen Cox bate no Detetive Nolan.

MEG
(como Meg) O que?

POPS
Bata em mim.

MEG
(ainda como Meg) Eu não posso.

POPS
Bata em mim, Helen!!!

(Meg dá um sonoro tapa no rosto de Pops e em seguida automaticamente reassume a postura de Helen)

MEG
Todo o dinheiro do mundo poderia ter sido seu. Eu poderia ter sido sua, mas você preferiu a verdade. Não há nada mais ridículo que a verdade.

POPS
(domina e torce o braço de Meg. Ela larga o dente de baleia) Desculpe, mas não posso negar quem eu verdadeiramente sou. Nem quem você realmente é. E você é uma criminosa. Sabe o que policiais como eu fazem com criminosas como você, não?

(Meg, com uma força sobre humana, se solta de Pops. Então cai no chão e urra. Pops observa em choque. Quando Meg levanta, ela está espumando pela boca. Grunhe e cospe a espuma. Avança contra Pops e o segura pela roupa. Olha no fundo de seus olhos e tenta mordê-lo no pescoço. Ele consegue se defender e ela acaba mordendo sua mão. Ele grita de dor. Completamente fora de controle, ela o segura pelo pescoço contra a parede)

MEG
Na noite em que nos beijamos pela primeira vez, você lembra como foi que eu olhei para você. Me conte como foi que te olhei.

POPS
(confuso) Eu não me lembro.

MEG
Me conte, como foi, Nolan?

POPS
Eu não me lembro...

MEG
ME CONTE COMO FOI QUE EU TE OLHEI!!!!

LIZZIE
(se recuperando) Meg...

(Meg se assusta com Lizzie e larga Pops)

MEG
Lizzie?

POPS
(confuso e entrando em um estado de delírio) Você olhou para mim como quem consegue ver tudo o que existe no lugar mais escuro da alma. Em vez de se virar, continuou olhando. Todas as outras que fizeram isso foram embora, mas você não.

VOZ NO RÁDIO
Mayday. Mayday. Colidimos contra uma rocha. O que foi que você fez, Pops?

POPS
(abaixa a cabeça) E então o que é que Helen fez ao Detetive Nolan?

MEG
(volta a ser Meg) Ela... ela enfia o abridor de cartas em seu peito.

POPS
Exatamente. Então o que é que você está esperando? Eu sou um cão. Um cão raivoso. O que é que você faz com cães raivosos?!

LIZZIE
(ainda no chão) Faça isso de uma vez, Meg.

MEG
(voltando ao delírio) Eu não sou Meg. Sou Helen Cox. *(volta a si por um instante)* Não. O que é que eu estou dizendo?

POPS
(levanta) Faça isso logo. Faça agora, antes que eu faça isso com você, sua puta!

(Meg larga o dente no chão)

MEG
(desolada e confusa) Eu não posso fazer isso.

VOZ NO RÁDIO
Mayday. Mayday. Estamos naufragando. Informe a guarda cost...*(estática)*

POPS
(controlando sua fúria levanta-se) Então este cão raivoso deve dar misericórdia a uma cadela.

(ele avança com o dente contra Meg. Ela segura seu braço com as duas mãos e dá uma joelhada entre as pernas dele. Ele larga o dente. Lizzie corre para pegar o dente e joga na mão de Meg que desta vez não vacila. Quando Pops se levanta, Meg enfia o dente de baleia no peito de Pops. Ele cai no chão. Meg se descontrola e começa novamente a espumar pela boca e grunhir sons que não pertencem à terra. Lizzie caminha até o corpo de Pops)

LIZZIE
Onde está o ouro nazista?

POPS
Do que é que você está falando?

LIZZIE
O ouro Nazista que os soldados da nona brigada pegaram em Berlim.

POPS
Eu nunca cheguei a Berlim.

LIZZIE
Você disse a minha irmã que tinha um tesouro aqui.

POPS
E tenho.

LIZZIE
Naquela caixa ali, não é?

(Lizzie caminha rapidamente até a caixa e abre. Arregala os olhos. Vira a caixa de cabeça para baixo e deixa cair 32 dentes)

POPS
Os dentes de Rachel Macgregor. Eles me deixaram ficar com os dentes daquela vagabunda escocesa.

(ri destemperadamente e tentando não se engasgar com o sangue em sua garganta. Lizzie se enfurece de vez e golpeia Pops várias vezes. Exatamente como Meg fez com o cachorro no cais. Enquanto golpeia, ouvimos no rádio o som de gritos de pessoas em pânico, morrendo, uma a uma. Depois de matar Pops, Lizzie olha para Meg que está contra uma parede tendo convulsões e espumando pela boca. Lizzie então olha para Meg e avança contra ela com os dentes à

mostra, como se fosse um animal faminto. Lizzie golpeia Meg no rosto com o dente. Depois de alguns segundos, Meg olha para Lizzie em um último momento de lucidez)

MEG
Você sabe o que tem que fazer comigo.

LIZZIE
(abraçando Meg) Não diga isso! Vou cuidar de você. Você vai ficar boa.

MEG
(tentando manter alguma serenidade) Não. Você vai me matar e depois pegar a última barca.

LIZZIE
(respirando fundo) Não existe mais barca, nem tesouro. Era tudo... uma dessas suas histórias que você gosta de ler.

MEG
Você é ainda a minha irmã?

LIZZIE
Claro.

MEG
Daqui a pouco posso não ser mais sua irmã. Por isso, você tem que me matar.

LIZZIE
(se afastando de Meg, olha para a frente) Matar não era exatamente um talento que eu tinha desenvolvido. Apenas um acidente de percurso. Sem barca, sem médico, sem mantimentos, sem calor... Nada. Em poucos dias, esta ilha estaria destinada ao caos completo. 100 pessoas espumando pela

boca e arrancando pedaços umas das outras sem razão alguma numa ilha longe de qualquer outro pedaço de terra. *(irônica)* Que bela imagem. *(Pausa)* Dizem que o Inferno é ótimo nessa época do ano.

(Meg solta mais um de seus gritos extra-humanos. Transformada, avança sobre Lizzie e começa a arrancar pedaços de intestino de sua barriga. Urra enquanto devora as tripas de Lizzie entre trovões e relâmpagos)

FIM

ACORDEI CEDO NO DIA EM QUE MORRI

um texto de Paulo Biscaia Filho
2017

Personagens:
Ed, 30 e poucos
Enfermeira/Vampira, 30 e poucos
Kathy, 20 e poucos
Alienígena, indeterminado.

CENA 1

Blecaute

ED
(em off) Isso é o que acontece nos sonhos de quem ama demais.

Luz. Uma TV liga. Imagem de logomarca de "Repórter Ocular". Em frente, Ed vaga como um zumbi em um pijama de hospital preso em uma coleira como um cachorro. A TV mostra discos voadores.

REPÓRTER
Atenção atenção. Repórter Ocular testemunha da história. Discos voadores foram avistados hoje sobre sete cidades. Alienígenas. Amigos ou ameaça? O que? Oh, meu Deus. Urgente! O líder dos alienígenas faz contato com a população terráquea.

O alienígena aparece na TV e declama Alma Sebosa e Macumba pra te amarrar.

REPÓRTER
Neste exato momento cientistas de todo o mudo estão decifrando a mensagem do líder da galáxia.

CENA 2

A enfermeira entra em cena e desliga a TV.

ENFERMEIRA
Está na hora de acordar.

ED
Eu já estava acordado.

ENFERMEIRA
Não, não estava. Você sabe onde está?

ED
Estou num cemitério.

ENFERMEIRA
Não, não está. Onde é que você está?

ED
Eu estou interessado no futuro.

ENFERMEIRA
Por que?

ED
Porque é lá onde vamos passar o resto de nossas vidas.

ENFERMEIRA
Então lembre-se: eventos futuros como esse vão nos afetar no futuro.

ED
Isso não é um pleonasmo?

ENFERMEIRA
Claro que é. Mas não fui eu quem disse isso, foi você.

ED
É verdade. Eu escrevi essa fala.

ENFERMEIRA
Escreva isso então.

A enfermeira puxa a coleira e o força a sentar sobre uma lápide. Ela põe um capacete de eletrodos na cabeça de Ed.

ENFERMEIRA
Quem é você? Do que você gosta?

ED
Eu não sei.

A enfermeira liga o eletrochoque. Ele treme. Ela desliga.

ENFERMEIRA
Você é um bêbado tarado assassino?

ED
Pode ser.

A enfermeira liga o eletrochoque. Ele treme. Ela desliga.

ENFERMEIRA
Quem é você e do é que você gosta?

ED
Quem é você e do que você gosta?

ENFERMEIRA
Eu sou a enfermeira.

ED
Quem é você de verdade? Uma enfermeira sádica não pode querer ser enfermeira. Você queria ser outra coisa.

ENFERMEIRA
Não te interessa.

ED
Por que é que você não fez o que queria fazer, enfermeira?

ENFERMEIRA
Cale sua boca. Do que é que você gosta?

ED
Você sabe: monstros, alienígenas e garotas.

A enfermeira liga o eletrochoque. Ele treme. Ela desliga.

ENFERMEIRA
Você não pode gostar disso. Monstros e alienígenas não existem.

ED
E garotas?

ENFERMEIRA
Elas existem, mas você não pode se aproximar de nenhuma.

ED
Porque os alienígenas estão invadindo a terra?

ENFERMEIRA
Não existem alienígenas.

ED
Claro que existem. Estava na TV.

ENFERMEIRA
Era só um filme. Não existem alienígenas. Isso é coisa da sua cabeça.

A enfermeira liga o eletrochoque. Ele treme. Ela desliga.

ED
Você é uma coisa da minha cabeça. Você não existe. Se eu levantar e for embora você não vai fazer nada, porque você não existe.

ENFERMEIRA
Ah, não?

Ela vai até ele e dá uma série de bofetadas em seu rosto.

ED
Isso é o melhor que pode fazer, enfermeira?

Ela dá um soco bem no meio do nariz e corre para dar mais um eletrochoque, mas desta vez ele gargalha em vez de sentir dor.

ENFERMEIRA
Esta maldita geringonça deve estar quebrada.

Ela vai até ele e remove o capacete. Quando está verificando o equipamento, ele a domina, dá um tapa forte. Ela cai no chão. Ele veste uma luva de borracha e põe o capacete na cabeça da enfermeira. Segura a enfermeira pelo pescoço.

ED
Tire suas roupas.

ENFERMEIRA
Por favor, não!

ED
Sua mente estúpida, estúpida!! Eu sou Ed, gosto de monstros,

alienígenas, garotas boazinhas, amo o cinema e quero – PRE-CISO! – de suas roupas.

Ed levanta enfermeira com uma única mão.

ED
Luz!!

Ele começa a acionar os eletrochoques em potência mínima.

ED
Câmera!!!

Entram dois operadores de câmera que apontam as lentes para a enfermeira.

ED
Ação!!!!

Ele liga os eletrochoques na potência máxima até que a enfermeira frita em suas mãos. Fumaça por tudo. As câmeras registram tudo na tela. Na tela, a imagem da enfermeira se funde à imagem de um esqueleto.

CENA 3

Uma espiral toma conta de tudo. Blecaute

REPÓRTER
Estamos aqui com a doutora Kathy Bunny do centro de pesquisas sobre inteligência alienígena. Doutora, qual a sua teoria sobre os discos voadores? Antes de qualquer coisa, Doutora, que belo casaquinho de angorá a doutora está usando.

Luz. Kathy está em um laboratório ao lado de um aquário com um polvo.

KATHY
Obrigada. Você sabia que angorá é pelo de coelhos especiais do Himalaia?

REPÓRTER
Do Himalaia? Uma importante informação que a doutora nos traz. E os alienígenas, doutora? Também são do Himalaia?

KATHY
Ah, claro. Depois de 10 anos de pesquisa, concluímos que as teorias do Dr. Vornoff estavam corretas. Há vida alienígena na terra há muito tempo. Octópodes são a prova disso. Eles têm o dom da premonição. Basta ler os sinais. Isso prova que existe uma conexão entre os polvos e seres que habitam dimensões que transcendem o tempo e o espaço, tais como alienígenas.

REPÓRTER
Mas os polvos não pensam.

KATHY
Não da mesma forma como nós pensamos. Compreendo seu estranhamento. Humanos que pensam têm medo daqueles que não pensam.

REPÓRTER
Poderia nos explicar melhor, Doutora?

KATHY
Com prazer. Este aqui é Criswell, um polvo que está sob observação em nossos laboratórios há cinco anos. Ele foi capaz de fazer diversas previsões sobre notícias mundanas e passou

a agir de forma peculiarmente peculiar pouco antes dos discos voadores começarem a aparecer.

REPÓRTER
Peculiarmente peculiar? Isso é um pleonasmo, doutora?

KATHY
Sim. Mas não fui eu quem escreveu isso.

REPÓRTER
O que Criswell está falando agora?

KATHY
Pois não, se você observar as variações de movimento de seus tentáculos, verá que ele se expressa por sinais. Agora ele está dizendo que...

Kathy começa a observar o polvo e entra em pânico. Ela tira o polvo do aquário e começa a sacudi-lo.

KATHY
Não!! Não!!! Não!!!

REPÓRTER
Está tudo bem, doutora?

KATHY
Não. Não está. Ele está de volta.

REPÓRTER
Os alienígenas?

KATHY
Não. Ed está de volta. Meu deus, os alienígenas estão lá, o cemitério está ali e eu tenho que me trancar aqui.

REPÓRTER
Ed? Nós não sabemos quem é Ed. Isso não é importante. Doutora, poderia agora cantar para nós uma bela canção?

Kathy segura o polvo na mão e começa a cantar tentando esconder seu desespero. Durante a canção, a fumaça começa a tomar conta de tudo novamente.

CENA 4

Quando a fumaça se dissipa, estamos de volta ao manicômio. Ed está segurando um esqueleto com roupas de enfermeira. Ele larga o esqueleto e começa a remover suas roupas. Veste as roupas de enfermeira sentindo prazer em cada toque.

ED
(em êxtase) Oh, nylon...

CENA 5

Kathy entra em cena. Ela carrega algo envolto em um pano. Ela esconde o objeto debaixo de uma almofada de pelos longos e abre um diário. Começa a escrever.

KATHY
Relatório diário. No caminho para casa aconteceu algo que poderia me deixar preocupada. Em vez de dois discos voadores, hoje eu vi cinco discos voadores no céu. Mas não foi isso que mais me preocupou. Eu compreendi a mensagem do líder das galáxias. Mas também não é isso que me preocupa. O que Criswell me disse é o que mais me preocupa. Se ele realmente sair do manicômio... Deus tenha piedade de mim. É algo que me perturba desde que eu o vi pela última vez. Quando ele fez

uma coisa específica e, acredito eu, espontânea. E nada teve a ver com minha atração por ele. Estávamos na varanda após fumar e eu já estava...

Som de disco voador passando.

KATHY
(sem escrever) Não. Essa informação é terrível demais para ser dita aqui. Se esse diário cair na mão dos alienígenas... *(volta a escrever)* Sinto que algo horrível está prestes a acontecer. A única coisa que me acalma é ter comigo algo que encontrei nos destroços de Roswell. Isso e uma xícara de chá de hibisco selvagem.

Ela levanta para preparar uma xícara de chá. O líder dos alienígenas entra em cena e começa a dominá-la. Ela consegue se soltar do transe e apanha o objeto abaixo da almofada. É uma arma alienígena. Ele tenta reagir aos raios, mas não consegue e foge. Kathy volta para o diário.

KATHY
Ele não é um homossexual. Ele é um travesti, mas não é homossexual. Por que eu fico surpresa em saber que você – esse homem grande e rústico – gosta de usar calcinhas de cetim rosa debaixo de suas roupas. Se o leiteiro estivesse usando calcinha, eu jamais diria nada, mas... você?

CENA 6

Vestido com as roupas de enfermeira, Ed corre atravessando o palco. No meio do caminho, uma luz de disco voador o faz cair. Ele levanta, olha para o céu. Olha para as câmeras.

ED
Eu falei!!! Eles existem! Vocês não existem, mas eles existem!

Diegético é o caralho!!! Você aí que é não-diegético. Você não existe. Me dá uma arma.

Um dos câmeras joga uma arma imaginária que Ed pega no ar e faz um revólver com seus dois dedos.

ED
Ah... exatamente o que eu precisava. *(aponta uma arma imaginária para os câmeras)* Você aí que não existe... você quer morrer pelo cinema? *(aponta para o outro)* Você quer morrer pelo cinema? Quer?!!! *(aponta para a plateia)* E vocês aí que não existem? Hein? Vocês querem morrer pelo cinema? *(volta a apontar para os câmeras)* Vocês querem morrer hoje? Hoka hey!

Dança e dubla com uma arma na mão. A música é interrompida por um grito de mulher.

ED
É ela... Vamos!

CENA 7

Um disco voador cruza a cena. Paira sobre o esqueleto da enfermeira. Lança raios. Aos poucos a enfermeira renasce como Vampira. Ela levanta. Caminha de forma ameaçadora em direção a plateia. Pára.

VAMPIRA
Um martini. Porque eu nunca bebo vinho. *(Um dos câmeras traz um martini com um guarda-chuvinha no copo. O outro câmera traz um guarda-chuva preto para ela. Ela segura o guarda-chuva com uma mão e o martini em outra)* Você não tem liberdade de ser quem você é. Nem de pular de paraquedas usando calcinha e cinta-liga. Você nunca teve liberdade

para vestir saia e casaquinho de angorá. Muito menos a liberdade de amar mulheres usando saia e casaquinho de angorá. Você não tem liberdade de amar um ator que ninguém mais ama. Você não tem a liberdade de amar o cinema nem a liberdade de fazer cinema. Não existe pra você a liberdade de fazer filmes sobre Travestis, transsexuais, cientistas que criam monstros atômicos, polvos gigantes, bandidos com cirurgia plástica, alienígenas pacifistas com planos de tirar os mortos das tumbas, monstros que fazem strip tease, boquetes na tumba, você não tem liberdade de amar na tumba... Você não tem liberdade de sair de sua própria tumba ... Você não tem liberdade de amar o que faz. Não tem liberdade de amar beber até cair. Alguém um dia te falou que você pode fazer tudo o que faz com amor mesmo que todo mundo diga que tudo o que você faz é reprovável? Você não tem liberdade de ser ruim. Você não tem liberdade de fazer cenários ruins. Não tem liberdade de escrever falas que não fazem sentido. Jamais perca a continuidade!! Você não tem liberdade de ser o pior. O pior de todos. Você não tem liberdade de não se importar com o que os outros dizem de você. E nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca olhe para os para meus lábios porque eu não estou te falando nada. Não estou te falando de nenhuma liberdade. Não estou te falando nada. Eu não tenho liberdade de falar. É por isso que não falo. Não estou te falando que a única liberdade que você tem hoje... é de acordar cedo... num dia como hoje. *(Pousa o Martini sobre uma lápide).* Edward D. Wood Jr, você vai pagar pelo que fez comigo.

CENA 8

Kathy está observando o polvo Criswell no aquário.

KATHY

Por favor diga que você se enganou. Eu saberei lidar com uma invasão alienígena, mas não saberei lidar com a volta de...

E*d entra em cena apontando a arma imaginária para Kathy. Ele faz um barulho estranho com a boca.*

KATHY
Ed?

ED
Kathy.

KATHY
(ainda de costas para ele) Quanto tempo.

ED
Menos do que você esperava quando me colocou naquele manicômio.

KATHY
(ela se vira e olha ele em roupas de enfermeira) Você continua com essa mania?

ED
Mania de cinema?

KATHY
Não. De se vestir assim.

ED
Você continua com essa mania.

KATHY
De te contrariar?

ED
Não. De se vestir assim.

KATHY
Quantas vezes eu te disse, não basta querer se vestir como uma mulher. Você precisa parecer uma mulher.
ED
Eu te amo, poodle.

KATHY
Também te amo, ursinho.

Tentam se abraçar, mas ela se afasta logo depois de sucumbir ao abraço dele.

KATHY
Não!

ED
E então? Onde está?

KATHY
O que?

ED
Você sabe!!

KATHY
Você vai precisar merecer.

ED
Eu consigo o que quero. Sempre.

KATHY
Sempre?

ED
Nem sempre. Câmeras! Quero ver o olho dela.

Close up *do olho de Kathy.*

KATHY
Olhe bem nos meus olhos e só volte aqui quando estiver usando roupas de homem.

ED
Não tenho dinheiro para isso.

KATHY
Não me interessa. Mate alguém para conseguir dinheiro, mas só volte aqui com um terno e uma gravata.

ED
Matar? Isso me parece ótimo.

KATHY
Eu falei metaforicamente.

ED
Você não falou nada. Fui eu quem escreveu o que você disse.

KATHY
Sempre esqueço disso.

ED
Kathy... você tinha razão.

KATHY
Sobre o que?

ED
Sobre os alienígenas. Tome cuidado.

KATHY
Sou crescidinha.

ED
Você deveria voltar a fazer o que gostava. Você era linda no palco.

KATHY
Não. Nunca mais. Agora sou uma cientista séria.

ED
Deveria voltar. Eu te filmaria.

KATHY
Não. Nunca mais.

ED
Eu vou voltar.

KATHY
Eu sei.

Ed sai. Kathy olha para o aquário.

KATHY
Maldito Criswell. Porque é que você sempre acerta o futuro? Polvo idiota!!

CENA 9

Ed atravessa o palco. É interrompido pela imagem de TV com vampira, que está em cena sendo filmada em outro canto do palco.

REPÓRTER
Estamos aqui com a Senhora Vampira. Ela diz que era uma enfermeira e que voltou a vida como um zumbi graças a raios alienígenas. É isso mesmo?

VAMPIRA
Sim. É isso. Os eletro-raios me trouxeram de volta a vida na forma e com a dicção que eu gostaria de ter.

REPÓRTER
E agora? O que pensa em fazer com sua vida nova?

VAMPIRA
Apresentar um programa de TV e matar quem me matou.

REPÓRTER
Muito bonito. E agora a Vampira vai cantar uma linda canção para nós.

VAMPIRA
Não!

Ela põe a mão na frente da câmera.

ED
(olhando a TV) Malditos alienígenas. Por que ela?

ALIENÍGENA
Porque sim.

ED
Não é resposta.

CENA 10

Kathy caminha nervosa de um lado para o outro. Liga um rádio imaginário.

REPÓRTER
(o.s. no RÁDIO) Atenção, atenção. A invasão alienígena se

espalhou por todo o globo. Notícias indicam que existem discos voadores pairando sobre Paris, Londres, Nova Iorque e Pato Branco. Em Tóquio, um dos discos voadores lançou raios sobre um pequeno lagarto que agora está destruindo a cidade inteira.

Sons do monstro destruindo a cidade.

REPÓRTER
Voltamos agora a nossa programação musical.

Música calma. Kathy corre até Criswell.

KATHY
Criswell, você precisa me dizer. Os alienígenas estão aqui por causa de meu segredo? *(pausa)* Não esse segredo, o outro segredo. Sobre quem eu sou. *(pausa)* O que? Oh, Criswell, eu esperava que você fosse mais compreensivo comigo.

Devolve o polvo para o aquário. O telefone toca. Ela atende.

KATHY
Alô? Oh, Jenny. Eu precisava mesmo falar com você. Estou bastante apreensiva. Com o que pode acontecer. *(ouve)* O que? Não, eu não sei o que os alienígenas querem. *(pausa)* Ah, só você mesma *(ri)* Você é muito engraçada. *(ri)* Não, Jenny. Não. Imagine, não tenho nada a esconder.

Kathy alterna entre falar com Jenny ao telefone e um show de burlesco onde ao final ela revela que tem três seios. Som de plateia indo ao delírio. As câmeras se alternam entre os dois tempos. O presente, com ela falando ao telefone e o passado, onde ela está fazendo o strip tease. As luzes também acompanham a alternância de ambientes de tempo. Ao final do strip, Kathy revela que tem três seios. Com os seios à mostra, a música termina e ela retorna para o telefone.

KATHY
Não, Jenny. Eu não tenho nada a esconder. Bem, todo mundo sempre guarda algum tipo de segredo.

CENA 11

Ed invade o cemitério. Caminha um pouco. Sons estranhos.

ED
Eu não gosto de sons estranhos. Principalmente quando não é pra ter som nenhum.

Ed vai até uma das covas onde está escrito "GLEN OR GLENDA". Joga alguns pedaços de ossos enquanto remove a roupa do cadáver na sepultura. As roupas que saem dali se misturam entre um terno masculino e roupas íntimas de mulher. Ele veste o paletó. Põe a mão em um dos bolsos e encontra um bilhete. Lê silenciosamente.

ALIENÍGENA
(observando a cena) Fazia muito tempo desde que Ed havia chorado pela última vez. Aquele bilhete fez Ed chorar de novo. Foram raras as vezes em que ele se importou com uma morte trágica.

Vampira entra em cena.

VAMPIRA
Estava procurando por mim?

ED
Não. Estava procurando por roupas masculinas.

VAMPIRA
Existem lojas especializadas nisso.

ED
Também existem lojas especializadas em armas.

Ed aponta um revólver para Vampira.

VAMPIRA
Experimente.

Ed dá vários tiros em Vampira enquanto ela se aproxima. Nada acontece com ela. Ela chega perto dele e arranca a arma de suas mãos. Joga a arma longe.

ED
Em que diabos te transformaram?

VAMPIRA
Transformações, transformações. O que importa? Não está feliz em me ver?

ED
O que você quer comigo? Vingança?

VAMPIRA
Sim.

ED
Talvez seja a hora de eu morrer.

VAMPIRA
Talvez seja a hora... de eu... te beijar.

Vampira se aproxima para beijar Ed. Ele começa a aceitar o beijo, mas se afasta de Vampira.

ED
É isso que você chama de vingança?

VAMPIRA
Você nunca percebeu? Todos esses anos?

ED
Era para eu perceber isso enquanto você me torturava?

VAMPIRA
Era a minha forma de expressão.

ED
Você não foi muito clara.

VAMPIRA
E agora?

ED
Agora o que?

VAMPIRA
Eu estou vestindo uma roupa de vampira onde eu nem consigo respirar direito – e olha que eu sou um zumbi! – e você não está se sentindo nem um pouco atraído por mim?

ED
Me desculpe, mas não consigo me sentir atraído por quem eu não amo.

Vampira se afasta dramaticamente.

VAMPIRA
Dediquei cada dia da minha vida a você. Eu sempre estava lá esperando que você me amasse de volta, mas você nunca, nunca, nunca...

ED
Me desculpe, Enfermeira...

VAMPIRA
Não me chame de Enfermeira... Meu nome é ELVIRA!!

ED
Elvira?

VAMPIRA
Vampira!!!

ED
Vampira? Você falou Elvira.

VAMPIRA
Não falei!!

ED
Me desculpe, Vampira.

VAMPIRA
Alienígenas viajam por milhões de anos luz para te devolverem a vida achando que agora você vai ter uma chance de ser amada de volta e então acontece isso.

ED
Me desculpe de novo...

VAMPIRA
Pare de pedir desculpas!!!

ED
Me desculpe.

VAMPIRA
Pare.

ED
Tudo bem. *(pausa)* Eu amo Kathy.

VAMPIRA
Foi ela quem te mandou para o manicômio. Você não gosta de quem te faz mal? Por isso te torturei por anos! Porque achei que era esse o jeito que você gostava de alguém.

ED
Não funciona assim.

VAMPIRA
Eu te aceito em roupas de mulher.

ED
Kathy vai compreender.

VAMPIRA
Eu sou um homem!!!!

ED
Ninguém é perfeito.

VAMPIRA
Foi você que escreveu isso?

ED
Não. Isso é bom demais para eu ter escrito.

VAMPIRA
Enfim, eu sou um homem.

Pausa longa.

ED
Sério?

Vampira pega a mão de Ed e põe entre as pernas. Ele se assusta.

VAMPIRA
E então? Não me ama agora?

ED
Eu só... gosto de me vestir com roupas de mulher. Só isso. Me desculpe!!!

VAMPIRA
Pare de pedir desculpas.

ED
Eu acho legal.

VAMPIRA
O que?

ED
Que você seja homem.

VAMPIRA
Uma mulher presa em um corpo de homem.

ED
Qual o seu nome verdadeiro?

VAMPIRA
Glen.

ED
Era você nesse túmulo?

VAMPIRA
Pode ser que seja.

ED
Foi você quem escreveu isso?

Ed entrega o bilhete para Vampira.

VAMPIRA
(lendo) Os registros vão contar a história. Fui para a cadeia recentemente. Por que? Porque eu, um homem, fui pego na rua vestindo roupas de mulher. Essa foi a quarta vez que fui preso por causa disso. Enquanto estiver vivo, preciso continuar vestindo essas roupas, então é apenas uma questão de tempo até a próxima vez de ser preso. É a única forma. Deixe meu corpo descansar para sempre dentro das roupas que não posso usar em vida.

Enquanto ela lê, ele veste o terno.

ED
Sinto muito que você tenha morrido.

VAMPIRA
Não fui eu quem escreveu isso.

ED
Fui eu?

VAMPIRA
Não. Tem muitos Glens e muitas Glendas por aí.

ED
Tudo bem se eu usar agora o seu terno?

VAMPIRA
Não é meu terno.

ED
Posso usar o terno?

VAMPIRA
Por que usa calças agora?

ED
Kathy pediu para eu vestir.

VAMPIRA
Kathy, Kathy, Kathy... você faz tudo por ela.

ED
Muito mais que tudo.

VAMPIRA
O que ela tem que eu não tenha? E não tenha mais?

ED
Ela é... espacial... especial.

Ele veste o terno. Discos voadores pairam sobre Vampira. Lançam raios.

VAMPIRA
Especial? Humpf! Se você não pode ser meu, não será de mais ninguém!

Vampira ataca o pescoço de Ed com as unhas.

ED
O que está fazendo?

VAMPIRA
Eu não sei. São instintos novos. Coisas que esses alienígenas colocaram em mim.

ED
Não posso morrer ainda. Se for para eu morrer... câmeras!!! Filmem a minha morte!!!

Ed olha para a câmera!

ED
É por isso que eu serei lembrado!!! É por isso!!!

Ed começa a sufocar. Morre. Vampira olha para o corpo .

VAMPIRA
Ed? Ed? Não morra!!! Não! O que foi que eu fiz? *(para os discos voadores)* O que vocês fizeram? Nãaaaaaaao!

O líder alienígena olha a cena.

ALIENÍGENA
Cuidado. Cuidado com o grande dragão verde que está sentado na soleira da porta. Ele come criancinhas, rabos de cachorrinhos e lesmas gordinhas. Puxem as cordas!!!!

Os discos voadores saem de cena.

CENA 12

Kathy entra em cena com a arma alienígena em uma mão e Criswell em outra.

KATHY
Estou cansada de ver esses discos voadores. Sabe esses discos? Desses que voam no céu? Estou cansada. *(lê os gestos de Criswell)* Claro que meu trabalho é ser uma cientista que estuda inteligência alienígena, mas eu só faço isso porque é a única coisa que eu sei fazer bem. *(pausa para leitura dos gestos)*

Claro que é a única coisa que sei fazer bem e você sabe os motivos. Você sabe que eu odeio vir nesse cemitério. Eu só venho aqui porque preciso e porque você me pediu. Oh, meu Deus! O que foi que você fez com Ed?!

Ela encontra Vampira com Ed morto nos braços. Vampira subitamente levanta. Kathy aponta a arma.

KATHY
Eu sou a mocinha dessa história!

Kathy atira. Vampira sente a dor do raio da arma.

VAMPIRA
Ai!!! Isso doeu de verdade.

Vampira ataca rapidamente Kathy e faz com que ela largue a arma. Antes que Kathy consiga recuperar a arma, Vampira pega a pistola e aponta para Kathy.

KATHY
Não, por favor, não! *(olha para os olhos de Vampira. Seu olhar de desespero se transforma em um olhar intrigado)* Dr. Glen? É você?

VAMPIRA
Sim, Doutora Kathy Bunny.

KATHY
Você está tão mais... interessante. Você o matou!

VAMPIRA
Eu precisei.

KATHY
E ele morreu usando roupas de homem. Isso é horrível. Que tipo de criatura cruel é você?

VAMPIRA
Não foi você quem pediu para ele se vestir com roupas de homem?

KATHY
Foi. Oh, meu Deus. Eu estraguei tudo.

VAMPIRA
Tudo isso é culpa sua. Se não tivesse internado ele no manicômio, nada disso teria acontecido.

KATHY
Eu precisei fazer isso.

VAMPIRA
Por que?

KATHY
Porque Ed... Bem, ele... eu... eu não posso amar alguém como ele.

VAMPIRA
Porque ele gostava de se vestir de mulher?

KATHY
Também.

VAMPIRA
Porque ele só faz filmes ruins?

KATHY
É um conjunto.

VAMPIRA
Você está segurando um polvo.

KATHY
É apenas Criswell. Não ligue para ele.

VAMPIRA
Esse nosso diálogo é horrível.

KATHY
Não se culpe tanto. Foi ele quem escreveu tudo isso.

VAMPIRA
Você é um monstro.

KATHY
Ele não pode nos ouvir agora.

VAMPIRA
Um martini?

KATHY
Por favor.

Vampira faz um sinal e as câmeras trazem martinis para as duas.

KATHY
Como foi que você ficou assim, Glen?

VAMPIRA
Glenda.

KATHY
Glenda?

VAMPIRA
Vampira.

KATHY
Como foi que você ficou assim, Vampira?

VAMPIRA
Depois que você o deixou no manicômio, eu fiquei intrigada com ele. Ele me fez libertar tudo o que estava escondido em mim. Então comecei a sair nas ruas como Glenda. Aos poucos, matei o Dr. Glen e me transformei na grande enfermeira Glenda. Ele não percebeu. Eu o odiei por ter libertado isso em mim. Eu o amei por ter libertado isso em mim. Como é que eu, um médico psiquiatra renomado poderia viver em roupas de mulher?

KATHY
Não poderia.

VAMPIRA
Eu sei.

KATHY
É difícil. E agora você virou... isso...

VAMPIRA
Sim...

KATHY
É a história mais fantástica que já ouvi.

VAMPIRA
E cada palavra dela é verdadeira.

KATHY
Essa é a parte mais fantástica dela.

VAMPIRA
Preciso perguntar.

KATHY
O que?

VAMPIRA
O que foi que ele viu em você?

KATHY
Minha personalidade, eu acho.

VAMPIRA
Não foi o fato de você ter um terceiro seio?

KATHY
Como você sabe?

VAMPIRA
Eu era um homem. Claro que fui ver o seu show de burlesco.
Você era ótima.

KATHY
Obrigada.

VAMPIRA
Foram as três tetas, não foi?

KATHY
Talvez tenha sido isso que tenha chamado a atenção dele,
mas depois... depois nós nos encontramos. Mas não! Eu jamais
poderia amá-lo.

VAMPIRA
Entendo.

KATHY
Você se apaixonou por ele?

VAMPIRA
Bem...

KATHY
É impossível.

VAMPIRA
Amar alguém que ama filmes de monstro?

KATHY
Impossível.

VAMPIRA
Amar alguém que ama tanto como ele ama?

KATHY
Impossível.

VAMPIRA
Porque se apaixonou por ele então?

KATHY
É algo que me perturba desde que eu o vi pela última vez. Quando ele fez uma coisa específica e, acredito eu, espontânea. E nada teve a ver com minha atração por ele. Estávamos na varanda após fumar e eu já estava... Não, não posso falar. É algo horrível demais para falar em voz alta.

VAMPIRA
Tudo bem.

Longo silêncio.

VAMPIRA
Foram os raios alienígenas que me deixaram assim.

KATHY
Está linda.

VAMPIRA
Obrigada.

KATHY
Não é o fato de eu ter três tetas, nem o fato de você parecer uma vampira que nos transforma em monstros. É esse amor que a gente sente. É isso que nos transforma em criaturas grotescas. Já fomos humanas. Agora somos monstros vivendo no vazio entre a vida e a morte. Criaturas dignas de pena. Criaturas dignas de desprezo.

VAMPIRA
Às vezes você não se sente como uma marionete? E tem alguém puxando os fios, puxando os fios, puxando os fios!

KATHY
É ele. O grande líder da galáxia. Ele nos controla. Mas ele não consegue me controlar. Só agora começo a entender o porquê.

VAMPIRA
Puxe os fios! *(com sotaque russo)* Pull the string!

KATHY
Acho um charme esse sotaque.

VAMPIRA
Esqueça, ele não volta mais.

KATHY
O sotaque?

VAMPIRA
Não. Ed.

Kathy tem uma ideia. Levanta rapidamente.

KATHY
Ele pode fazer Ed voltar a vida.

VAMPIRA
Do que é que você está falando?

KATHY
(olhando para Criswell) Você pode entrar em contato com ele, não é, Criswell?

Kathy começa a entrar em contato com Criswell.

VAMPIRA
O que você está fazendo?

KATHY
Uma troca.

Discos voadores começam a aparecer. Um deles lança um raio sobre Ed que, aos poucos, levanta da tumba onde estava caído morto. Ele olha para Kathy.

ED
Poodle...

VAMPIRA
Poodle?

O disco voador solta mais um raio. Ed e Vampira mudam de postura. Agora eles são zumbis controlados pelos discos que flutuam sobre eles. Eles seguram Kathy. Ela tenta fugir. No caminho ela joga Criswell dentro de uma cova aberta, continua a correr, mas os zumbis a detém.

KATHY
(olhando para cima) O acordo era fazer Ed voltar a vida, não era transformá-lo em um zumbi sem vida! Criswell, diga isso para eles. Diga que eu sei... Eu sei... Eu entendi a mensagem... "Uma macumba pra te amarrar, maldito". Você entendeu a letra errada, mas eu entendi o que você quis dizer... *(pausa)* Eu sou a chave!!! Sou um ser híbrido. Meio humana, meio alienígena... Mas porque vocês me querem de volta?

Ela se solta. Um raio a detém e Kathy congela.

ALIENÍGENA
(em off) Por vários motivos. O primeiro deles É ÓBVIO: ELVIS!

O alienígena aciona mais um raio. Eles começam a dançar Rock a Hula. Ao final, Kathy olha para a arma no chão. Ed a detém e começa a enforcá-la.

ALIENÍGENA
O que é que você está fazendo? Não é para matá-la. Esses raios eletrodinâmicos nunca funcionam direito sobre humanos. São sempre imprevisíveis.

Kathy consegue acionar a arma sobre Vampira que a liberta das mãos de Ed. Então, Kathy lança o raio sobre Ed que volta a si.

ED
Poodle!!!

CENA 13

Kathy se aproxima lentamente de Ed. Ele toca em seu ombro e acaricia o casaquinho de angorá. Se afasta.

ED
Estou com roupas apropriadas agora?

KATHY
Ed, eu não compreendo isso totalmente, mas talvez juntos conseguiremos compreender.

Ela tira o casaco de angorá e entrega para Ed. Vampira observa a cena com um misto de perplexidade e afeto. Antes que Ed consiga alcançar o casaco de angorá, raios e trovões tomam conta de tudo. Discos voadores entram em cena. Lançam raios sobre a cova onde está Criswell. Tentáculos gigantes saem por todos os lados e Kathy cai nas garras do polvo. No meio do caminho, ela larga o casaquinho, mas Vampira o rouba do chão. Kathy grita por ajuda. Ed tenta remover o tentáculo de Kathy, mas não consegue.

ED
Eu não tenho forças para isso!

Vampira olha a cena e olha para o casaco de angorá.

VAMPIRA
Ed...

Ele olha para Vampira.

ED
O que?

VAMPIRA
Tome. Isso vai te ajudar.

Ele toma o casaco e o esfrega no rosto. Sente-se poderoso. luta contra o polvo e consegue tirar o corpo desmaiado de Kathy. Ele a carrega no colo com o casaco de angorá em seu braço. Vem para a frente e olha para os discos voadores acima deles.

ED
O que foi que vocês fizeram??

VAMPIRA
Eles podem trazê-la de volta a vida, não podem?

KATHY
(nos braços de Ed) Não precisa, eu só desmaiei. Já estou ótima.

Ela desce do colo de Ed e olha para os tentáculos.

KATHY
Criswell, o que fizeram com você?

Um novo tentáculo surge e ataca Vampira.

ED
Vampira!

KATHY
Você tem que ajudar!

Ed vai ajudar Vampira, mas desta vez acaba ele caindo nos tentáculos do polvo. Sua garganta começa a ser esmagada, mas ele grita.

ED
Ação!!

As câmeras filmam a cena. Tudo fica em slow motion*. Exceto Ed.*

ED
A única coisa que tenho é liberdade de ser em sou. Pular de paraquedas usando calcinha e cinta-liga. Eu sempre tive liberdade para vestir saia e casaquinho de angorá
e a liberdade de amar mulheres usando saia e casaquinho de angorá. Eu tenho liberdade de amar um ator que ninguém mais ama. Eu tenho a liberdade de amar o cinema e de fazer cinema. A liberdade de fazer filmes sobre Travestis, transsexuais, cientistas que criam monstros atômicos, polvos gigantes, bandidos com cirurgia plástica, alienígenas pacifistas com planos de tirar os mortos das tumbas, monstros que fazem strip tease, boquetes na tumba, eu só tenho a liberdade de amar na tumba... Hoje acordei cedo para ter mais tempo para amar. Todo dia deveria ter sido assim. Você não tem liberdade de sair de sua própria tumba. EU TENHO A LIBERDADE DE SER RUIM. TENHO A LIBERDADE DE SER O PIOR DE TODOS. Só não tenho a liberdade de ser e fazer tudo isso sem estar perdidamente apaixonado por cada uma dessas coisas. Tenho a liberdade de ser ruim, não tenho a liberdade de não amar.

Tudo volta ao normal. Vampira e Kathy ajudam Ed a se livrar de Criswell. Vampira dá unhadas no polvo e Kathy aponta sua pistola para os tentáculos.

KATHY
Criswell, me perdoe!

Ela começa a atirar. Ed se liberta, mas sente uma dor no peito. Ele cambaleia e cai nos braços de Kathy.

ED
Obrigado por me dar o casaquinho, Poodle. Se fosse para

morrer, eu precisava morrer com ele. Quando eu era criança, eu me vesti de mulher pela primeira vez no dia das bruxas, até ganhei o prêmio de melhor fantasia. Então um dia não era mais o dia das bruxas. Obrigado.

KATHY
Ursinho... *(late melancolicamente)* O que foi que Criswell fez com você?

ED
Criswell foi ótimo. Tudo isso foi ótimo. Eu só estou tendo um infarto agora, só isso.

KATHY
Um infarto? Como esses do coração?

ED
É o que acontece com quem ama demais.

KATHY
Não, Ed você não pode morrer. Não de novo. Eu preciso te falar uma coisa. É algo que me perturba desde que eu o vi pela última vez. Quando você fez uma coisa específica e, acredito eu, espontânea. E nada teve a ver com minha atração por você. Estávamos na varanda após fumar e eu já estava... *(Ed morre)* Ed? Ed? Não!!!! Não!!!

VAMPIRA
Ele morreu? *(pausa)* De novo?

KATHY
Ed está morto. *(furiosa)* Assassinado. E alguém é responsável! *(olha para cima)* Tragam ele de volta.

O alienígena entra em cena. Tenta controlar Kathy, mas ela se protege, tocando em seu terceiro seio.

ALIENÍGENA
Essa brincadeira de trazer os mortos de volta à vida já perdeu a graça.

KATHY
Eu ofereci uma troca. Meu corpo em troca da vida de Ed.

ALIENÍGENA
Não gostei da oferta.

KATHY
Não era eu quem você queria?

ALIENÍGENA
Era um conjunto. Estamos sem nossa imperatriz. Morreu depois de ver os sete filmes de Adam Sandler. Bem, ela morreu e você é a herdeira dela.

KATHY
Eu? Imperatriz da galáxia?

VAMPIRA
Poderosa!

ALIENÍGENA
Vocês humanos, mesmo os híbridos, são todos estúpidos, estúpidos, estúpidos. Essa é nossa missão neste planeta. Só tirando e dando e tirando de novo aquilo que vocês humanos mais desejam pra vocês entenderem a importância das coisas. A nova imperatriz das galáxias precisa entender isso. Lembre-se: Quando seus esforços forem vistos com indiferença, não desanime. Pois todos os dias o sol faz um lindo espetáculo...

VAMPIRA
Você não atravessou o universo para trazer poesia barata.

ALIENÍGENA
Eu achei bonito...

VAMPIRA
Odeio poesia barata.

Vampira enfia suas garras no pescoço do alienígena. Arranca a cabeça do Líder das galáxias. Sangue verde escorre pela cabeça e cai em Vampira. Ela leva a cabeça para frente e ele fala.

ALIENÍGENA
Está vendo? Humanos estúpidos, estúpidos, estúpidos! É por causa de pessoas como vocês que tudo precisa ser destruído. Não usam o bom humor que Deus deu a vocês. Puxe a corda! Puxe a corda!

Ela larga a cabeça. Vampira olha para Kathy.

VAMPIRA
Ele não vai voltar.

KATHY
Os alienígenas?

VAMPIRA
Não. Ed.

KATHY
Bem, eu sou a imperatriz das galáxias agora. Posso fazer o que quiser com as armas alienígenas.

VAMPIRA
Pode?

KATHY
Acho que posso.

VAMPIRA
Você percebeu uma coisa?

KATHY
O que?

VAMPIRA
Nosso diálogo continua péssimo.

KATHY
Verdade. Isso é estranho.

VAMPIRA
Mais estranho que uma enfermeira que era psiquiatra virar uma vampira?

KATHY
Mais estranho que isso.

VAMPIRA
Mais estranho que uma cientista com três tetas carregando um polvo com poderes telepáticos?

KATHY
Ainda mais estranho que isso.

VAMPIRA
Mais estranho que um homem com fetiche por casaco de angorá?

KATHY
Isso nem é estranho.

VAMPIRA
Você achava estranho.

KATHY
Achava.

VAMPIRA
O que mudou?

KATHY
É um conjunto.

VAMPIRA
Ele não vai voltar, Imperatriz Kathy.

KATHY
Apenas Kathy, por favor.

VAMPIRA
Ele não vai voltar, Kathy.

KATHY
Como você sabe?

VAMPIRA
Porque ele continua escrevendo tudo isso.

KATHY
Vamos continuar presas a tudo que ele escreve?

VAMPIRA
Quem disse que estamos presas?

Discos voadores surgem para saudar a nova imperatriz. Kathy e Vampira se beijam. Bela Lugosi is Dead à capella. Uma câmera filma o rosto morto de Ed. Com os olhos ainda fechados ele subitamente sorri. Blecaute.
FIM

A MACABRA BIBLIOTECA DO DR. LUCCHETTI

de Paulo Biscaia Filho
2017

Personagens:
Clayton, 30 e poucos
Helen, 20 e tantos
Zola, 50 e tantos
Vonetta, eternamente jovem
mais: Homem de Chapéu e Camponês

Nota: as cenas e ambientes devem ser construídos pelo elenco não com material, mas através de contexto, olhar e corpo.

Blecaute

LEGENDA: AMSTERDAM, 1942

ZOLA
NEIN!!! Was haben sie gemacht??

Legendas: "NÃO!! O QUE VOCÊS FIZERAM?"

FADE IN. DR. ZOLA olha para frente estupefato. Chamas e fumaça tomam conta do espaço. Ele tira um lenço do bolso da calça e com ele pega um livro pesado e chamuscado nas bordas. Na capa do livro está escrito: 'VIKTOR FRANKENSTEIN: TAGEBUCH'. Ele remove os óculos e revela seus olhos esbugalhados enquanto olha para o livro. Olha para a frente. As chamas crescem. A música cresce. Ele olha para frente. Olha para o lado.

ZOLA
Toten sie. Toten sie alle

Legenda: "Matem. Matem todos"
Sons de tiros de metralhadora. Gritos. Sangue espirra na cara de Zola.

BLECAUTE. LEGENDAS: CURITIBA, 1955
Jazz. Durante o blecaute ouve-se a voz de JOHN CLAYTON

CLAYTON
O negócio de detetive particular não é muito rentável em Curitiba.

LUZ: ESCRITÓRIO DE CLAYTON
Clayton está sem camisa. Seca seu suor com uma velha

toalha de rosto encardida. A sombra do ventilador de teto preenche a cena. Ele fala ofegante.

CLAYTON

Bem, pelo menos é isso o que eu vivo dizendo para mim mesmo. Sei muito bem que é apenas uma desculpa para minha falta de... "visão administrativa", não é assim que eles dizem? "Visão administrativa". Não faço a mínima ideia de o que isso quer dizer. Eu sei o que "ordem de despejo" quer dizer. Nenhum caso novo em dois meses. A velha polaca dona do prédio não quer saber se o dinheiro está entrando ou não. O que importa é deixar uma nota de vinte cruzeiros toda semana em sua caixa de correspondência. *(Clayton põe a mão no bolso. Saca uma garrafa e bebe)* É assim que eu vivo. De vinte em vinte cruzeiros. Ou consigo isso com novos clientes, ou numa boa e velha peleja de boxe nos fundos da Saldanha Marinho. É engraçado. Toda semana a mesma coisa. O caipira do Jonas sorri com toda a certeza que vai escapar do gancho de esquerda do magrelo aqui. *(pausa)* Ele nunca escapa. Vinte cruzeiros. Talvez seja melhor assim. Bem, será bom até onde minha costela aguentar.

Batida na porta

CLAYTON

Ela sempre me diz para não abrir a porta para qualquer caso. Se houvesse escolha, eu não abriria a porta para ninguém. Muito menos para Helen Zola.

VONETTA ESCREVE:
Em outra área do palco, Vonetta está diante de uma máquina de escrever imaginária escrevendo compulsivamente.

VONETTA

Eu dizia para ele não abrir a porta para qualquer caso. Sabia

que ele podia se meter em encrencas e eu não suportaria ver isso acontecer de novo, mas jamais poderia imaginar que um problema tão grande pudesse bater na porta dele. Helen Zola não era apenas um novo caso. Ela não era apenas mais uma dessas garotas que armam para o marido rico morrer e ficar com a fortuna. Mesmo hoje em dia, Curitiba está cheia deste tipo de garota. Quando ela bateu a porta do escritório dele, ele soube na hora que ela não era uma garota tão simples assim. Não. Você pode não acreditar, mas eu nunca – nunca mesmo – havia visto uma mulher como Helen.

DE VOLTA AO ESCRITÓRIO DE CLAYTON:
Batidas na porta.

CLAYTON
A porta está aberta.

HELEN
Clayton? John Clayton?

CLAYTON
Depende de quem quer falar.

Ela entra. Deslumbrante em um vestido imaculadamente vermelho. Ficam parados se olhando por um instante mais longo do que deveria.

HELEN
Você atende todos os seus clientes na porta ou não quer me convidar para entrar?

Clayton sai do transe.

CLAYTON
Claro. Me desculpe Senhorita...

HELEN
Senhora. Zola. Helen Zola.

CLAYTON
Zola?

HELEN
É tcheco.

CLAYTON
Seu marido?

HELEN
Sim.

CLAYTON
Ele é tcheco.

HELEN
Sim.

CLAYTON
E a senhora...?

HELEN
Rio de Janeiro.

CLAYTON
E antes disso? Há algo em seu sotaque que me diz que você não é de lá.

HELEN
Ninguém nasce no Rio de Janeiro, mas isso não importa, não é?

CLAYTON
Não sei. Nunca estive lá.

HELEN
Deveria ir.

CLAYTON
(um à parte para o público) O perfume de Helen Zola era inebriante. Não como o cheiro barato de uma dessas garotas da Cruz Machado. Era único. Eu estava nervoso e tudo me dizia para mandá-la embora dali, mas eu não conseguia.

Clayton volta os olhos para Helen:

CLAYTON
Posso então deduzir que a senhorita...

HELEN
Senhora.

CLAYTON
A senhora é agente de viagens. Não estou interessado em pacotes turísticos para conhecer o Pão de Açúcar.

HELEN
Nos conhecemos há mais ou menos um mês.

CLAYTON
Como?

HELEN
Em uma lanchonete na Praça Tiradentes. Você estava deixando uma pilha de cartões de seus... Serviços junto ao caixa.

CLAYTON
(à parte para o público) Mês passado, estava tão desesperado por conseguir casos que saía deixando cartões em todos os lugares que podia.

HELEN
Você foi gentil. Entregou um cartão diretamente para mim e sorriu. Não se lembra?

Helen mostra o cartão.

CLAYTON
Entreguei cartões para muita gente, Senhora.

Faz um à parte para o público

CLAYTON
A verdade era que eu estava bêbado.

HELEN
Bem, eu me lembro bem de você. Lembro bem da marca de nascença em forma de estrela em sua mão direita. Você estava usando uma gravata azul marinho e óculos escuros com uma lasca na lateral esquerda da armação.

Clayton tira do bolso do paletó um par de óculos exatamente como estava descrito.

HELEN
Também tem uma marca de nascença em forma de estrela na mão direita.

CLAYTON
Como se lembra disso?

HELEN
Memória fotográfica. Uma pequena qualidade minha, eu acho. *(leva um cigarro à boca)* Fogo?

Clayton faz à parte enquanto acende o cigarro para Helen.

CLAYTON
Eu queria falar das qualidades da cintura perfeita que ela tem. Com mil diabos, eu deveria estar bêbado. Ninguém precisa de memória fotográfica para lembrar daquela mulher.

Helen dá uma primeira baforada.

HELEN
Obrigada.

CLAYTON
Está em Curitiba há quanto tempo?

HELEN
Apenas dois meses. Eu e meu... marido nos mudamos para cá. Ele disse que precisava de um lugar mais tranquilo para poder fazer suas pesquisas.

CLAYTON
Pesquisas?

HELEN
Sim. Ele é uma espécie de cientista. Genética. Não entendo nada disso.

CLAYTON
E o que a traz aqui senhora...?

HELEN
Zola.

HELEN FALA PARA O PÚBLICO. MUDANÇA DE AMBIENTE.

HELEN
Sim. Eu contratei o Senhor Clayton. Estava desconfiada de meu marido, compreende? Um homem como ele atrai a atenção de muitas garotas. Eu precisava saber se ele estava me enganando. Eu e meu marido temos uma conexão... única. Ele nunca me deu motivos para desconfiar dele, mas desde que nos mudamos para Curitiba, ele começou a agir de forma... diferente. Fiquei com medo que ele pudesse fazer alguma coisa mais grave. Não tão grave quanto o que aconteceu, mas imaginava que algo de horrível estava prestes a acontecer.

DE VOLTA AO ESCRITÓRIO DE CLAYTON:

HELEN
Espero que o outro homem esteja pior.

CLAYTON
O que?

HELEN
(faz menção de tocar em um machucado da luta) Espero que o outro esteja pior.

CLAYTON
Não é nada.

HELEN
Me desculpe, eu não queria...

CLAYTON
A senhora tem certeza que seu marido está a traindo?

HELEN
Sei o que está pensando.

CLAYTON
Além de memória fotográfica, você também lê mentes?

HELEN
Não faz sentido que um estranho cientista esteja traindo sua jovem e bela esposa.

CLAYTON
(após uma pausa) Não exatamente com essas palavras, mas era exatamente isso que eu estava pensando.

HELEN
Talvez eu devesse procurar outro investigador.

CLAYTON
Talvez você esteja certa.

HELEN
Eu já fiz isso, mas existe algo em seus olhos que me faz confiar em você. Desde que me entregou o cartão no café, desde aquele dia, eu senti que posso confiar em você. É difícil encontrar alguém confiável nessa cidade. *(estende uma nota de dinheiro)* Aqui: 100 cruzeiros adiantados. Outros 500 quando tiver alguma notícia.

CLAYTON
(exala) Viver de vinte em vinte cruzeiros.

HELEN
O que?

CLAYTON
Nada. Ok. Aceito o caso.

HELEN
Obrigada, Senhor Clayton. Sabia que era um bom homem.

Ela beija o rosto de Clayton. Sai. No caminho, esbarra em Vonetta que está entrando no escritório.

VONETTA
Me desculpe.

HELEN
Imagine, a culpa foi minha. Me desculpe.

VONETTA
Sem problemas.

Helen sai. Vonetta espera Helen sair e a acompanha com os olhos.

CLAYTON
Eu já sei o que vai dizer.

VONETTA
Eu sou tão óbvia assim?

CLAYTON
Você vai falar "Minha intuição me diz blá blá blá..."

VONETTA
Minha intuição me diz que essa garota é encrenca.

CLAYTON
Minha intuição me diz que você está com ciúmes.

VONETTA
Minha intuição me diz que você queria que eu estivesse com ciúmes.

CLAYTON
Minha intuição me diz que essa conversa não vai nos levar a lugar algum.

VONETTA
Minha intuição me diz que você está cem por cento certo.

CLAYTON
Há quanto tempo nos conhecemos?

VONETTA
Tempo demais, pelo visto.

CLAYTON
Em vez de vir aqui dizer que caso eu devo ou não aceitar, por que é que você não vai atrás de alguma notícia fresquinha para seu jornaleco? Nenhuma prostituta assassinada, nenhum roubo de joias, nada?

VONETTA ESCREVE:

VONETTA
O Monstro da Noite aterrorizou Curitiba por anos. Eram poucos os que tinham coragem de andar pelas ruas escuras do centro. A polícia tentou por meses encontrar o assassino, mas não encontrou nenhuma pista além dos corpos mutilados. No ano passado, Habib Hajar, dono de uma loja de tecidos na Riachuelo foi encontrado com a cabeça a doze metros de seu

corpo estraçalhado. Um mês antes, Yolanda Baumgarten, saia de uma festa de casamento no Clube Concórdia. Reconheceram o cadáver apenas pelo vestido. A última vítima registrada foi Luísa Stefka, funcionária da Biblioteca Pública. Depois disso, foram encontrados apenas animais mortos com os mesmos traços do modus operandi do Monstro da Noite. Não se sabe se ele parou de atacar humanos, ou se ele está apenas esperando para voltar.

ESCRITÓRIO DE CLAYTON

VONETTA
Não. Nada digno de notícia.

CLAYTON
Curitiba é um tédio, então você vem aqui passar o tempo.

VONETTA
Só não quero que se meta em encrenca... *(olha o sangue na boca de Clayton)*... mas pelo jeito parece que você já se meteu em uma.

CLAYTON
Não é nada.

VONETTA
Você andou lutando de novo? Já disse que não deveria fazer isso.

CLAYTON
Você precisa decidir. Ou eu aceito casos ou eu ganho uns trocados em lutas.

VONETTA
Não existe outra escolha?

CLAYTON
O que você veio fazer aqui, Vonetta?

VONETTA
(joga um saco de papel) Comeu alguma coisa hoje?

CLAYTON
Você precisa parar de agir como se fosse minha mãe.

VONETTA
Você precisa parar de agir como um garoto birrento.

CLAYTON
(tira um sanduíche do saco de papel) Obrigado. *(dá uma mordida na rosquinha dentro do saco)* Por que é que nunca demos certo?

VONETTA
Já te disse um milhão de vezes: Porque...

CLAYTON
Uma jornalista e um detetive jamais daria certo. Eu sei. Mas deu certo quando você vivia me fazendo perguntas na época em que eu trabalhava na polícia.

VONETTA
Velhos tempos.

CLAYTON
Velhos tempos.

VONETTA
Quem é ela?

CLAYTON
Ela?

VONETTA
A ruiva fatal.

CLAYTON
Ciúmes?

VONETTA
Não, mas já que trouxe o assunto, talvez fosse hora de esquecer Luisa.

CLAYTON
Podemos não falar desse assunto. Não a essa hora da manhã.

VONETTA
Tudo bem. Mas você ainda não me disse quem é ela.

CLAYTON
Ah. Mais uma dessas madames desconfiadas de que o marido a está traindo.

VONETTA
E o marido?

CLAYTON
Um tal de Zola.

VONETTA
(subitamente pálida) Zola?

CLAYTON
Um cientista. Deve ser um idiota. Um homem que casa com uma mulher dessas só pode ser idiota.

VONETTA
Você não pode aceitar esse caso.

CLAYTON
O que?

VONETTA
Você não pode. Me prometa.

CLAYTON
Ela já me pagou 100 cruzeiros.

VONETTA
Devolva.

CLAYTON
Uau. Você está mais branca do que de costume.

VONETTA
Eu não estou brincando.

CLAYTON
O que você está dizendo?

VONETTA
Se esse for o Dr. Zola que eu conheço...

CLAYTON
De onde você conhece esse sujeito?

VONETTA
(saindo de um transe) De... uma reportagem. Ele faz experiências horríveis. É um homem perigoso.

CLAYTON
Reportagem?

VONETTA
Fiz há muito tempo.

CLAYTON
Onde? Eles acabaram de se mudar para a cidade.

VONETTA
Foi antes de nos conhecermos. Como disse, faz tempo.

CLAYTON
Que tipos de experiências?

VONETTA
Pela minha... investigação... cheguei em alguns... escritos... como se fossem um diário dele. Ele fez experiências com mulheres...

DIÁRIO DE ZOLA 1

ZOLA
(em alemão com legendas) Visto que a guerra deve terminar em breve, precisamos começar a praticar português. Por isso farei a apresentação como um típico brasileiro. *(passa para o português)* Nos últimos anos, houve grandes desenvolvimentos tecnológicos. O homem inventou o telefone, o submarino, o avião, rádio... mas o ser humano evoluiu? De forma alguma! Ele continua sendo o mesmo ser bestial de sempre. Como bem afirmou o Dr. Jekyll, "não somos um só mas dois". Projecionista, bitte! *(Uma projeção de anos antes. Barbara presa a uma parede)* Esta jovem, Barbara – foda-se o nome – possui dois lados mentais desse distintos: o benigno, que só existe quando nada ameaça a nossa segurança, E outro degenerado regido pelo instinto. Eu vou agora libertar o lado degenerado. Para isso, começaremos derramando um pote de melado por todo o corpo nu, em seguida soltando duas dúzias de ratazanas dentro da cela onde se encontra a jovem. Em alguns segundos os animais começarão a subir pelo corpo e ouviremos seus dentes afiados roendo e mordendo. Naturalmente

o jovem começará a gritar e pedir por piedade. Peço aos presentes que ignorem suas súplicas. É justamente a partir daí que veremos os resultados da experiência.

DE VOLTA AO ESCRITÓRIO DE CLAYTON:

VONETTA
Vi isso acontecer.

CLAYTON
Não pode ser verdade.

VONETTA
Juro que é.

CLAYTON
Um homem desses deveria estar preso.

VONETTA
Ele tinha... conexões.

CLAYTON
Isso está muito estranho. Essa história parece ser resultado de sua criativa imaginação impulsionada por um ataque de ciúmes.

VONETTA
Clayton... Eu juro.

CLAYTON
Obrigado pelo lanche, Vonetta. Agora preciso ir. Tranque a porta para mim na saída. Você ainda tem sua cópia de chave?

VONETTA
Claro.

Pega a câmera fotográfica e sai.

VONETTA
Claro que tenho.

CONTINUAÇÃO DO MONÓLOGO DE ZOLA
Gritos em fade in vão tomando conta da cena.

ZOLA
Observem as reações selvagens desta jovem. Ela não é agora o retrato da bestialidade? O que restou de humano em seus instintos? Praticamente nada. Quais são os elementos no corpo que nos separam da amoralidade dos animais? A civilização trouxe benefícios, mas também trouxe moral. Moral nos impede de ir a lugares que nossa existência pede. Para a próxima experiência, gostaria de chamar uma mulher com habilidades muito especiais. Meinem Damen und Herren, Fraulein Vonetta.

Aplausos. Em projeção, Vonetta veste uma roupa de SS Nazista. Faz a saudação de Heil Hitler.

VONETTA
Sieg Heil! Danke, Dr. Zola.

ZOLA
Fraulein Vonetta, bist du bereit?

VONETTA
Immer.

Fade out.

TOCAIA NO CARRO DE CLAYTON
Clayton está no carro com a câmera fotográfica em punho. Tira fotos da fachada da mansão de Zola.

CLAYTON
Três dias. Três dias aqui e nenhum movimento na casa. Nenhum movimento de cortina, nenhuma sombra na janela. Dois enormes mastins fazem guarda no jardim da frente. Toda vez que abro a janela para fumar, eles começam a latir sem parar. Fumo com a janela fechada. Nenhum movimento humano. É uma casa que parece pertencer apenas a fantasmas. Nem mesmo vi a cara do tal Zola. Começo a desconfiar que ele nem mesmo existe. Ninguém diferente entra e ninguém sai da casa. Apenas ela. Toda noite. Às seis e meia. O sol se põe e ela entra no seu carro e sai. Volta às dez da noite. Eu continuo aqui. Não fui contratado para segui-la. O que eu mais quero é ir atrás dela. Não por motivos profissionais. São seis horas e vinte e nove minutos.

Helen aparece usando óculos escuros. Entra no carro. Liga o carro. Sai. Clayton vacila por um instante. Liga o carro e sai atrás dela.

PERSEGUINDO HELEN
Em cada um de seus carros. Clayton e Helen dirigem. Helen estaciona. Sai do carro. Olha em volta. Clayton se abaixa. Ela entra em um prédio.
Em projeção, vemos a silhueta de Helen pela janela de um apartamento. Uma segunda silhueta aparece na janela. Uma silhueta masculina. Eles se abraçam apaixonadamente.

CLAYTON
(olhando pelo visor da câmera. Sorrindo) Por que é que não estou surpreso?

As silhuetas começam a conversar e os ânimos ficam mais tensos. Os dois começam a discutir. O homem dá um tapa com as costas da mão. Clayton abaixa a câmera. O homem levanta Helen e começa a asfixiá-la com as mãos. Clayton

sai do carro correndo. Clayton entra no apartamento. Afasta o homem de Helen. Ela tosse. Os dois lutam. Depois de Clayton dar um soco, o homem se levanta lentamente.

HOMEM
Quem diabos é você?

HELEN
Ele está louco. Quer me matar.

HOMEM
(para Helen) Então ele é mais uma de suas vítimas?

O Homem avança novamente contra Helen. Clayton dá uma chave de braço. Helen se solta. O Homem dá uma cotovelada nas costelas de Clayton. Ele geme e se ajoelha em dor. O homem dá outra chave de braço em Clayton que começa a ficar sem ar. Helen pega uma faca e enfia nas costas do homem.

CLAYTON
O que você fez?

HELEN
Ele estava louco.

CLAYTON
Quem era ele?

HELEN
Alguém que estava prestes a acabar com sua vida.

CLAYTON
Pára de brincadeiras. O homem está morto! Você o matou.

HELEN
Preferia que eu o deixasse morrer?

CLAYTON
Responda minha pergunta!

HELEN
Uma pessoa do meu passado. Estava me chantageando.

CLAYTON
Ninguém beija chantagistas.

HELEN
Fiz isso apenas para me proteger. O mundo é muito perigoso para uma mulher.

CLAYTON
Parece que não deu muito certo.

HELEN
Talvez tenha dado. Ele está morto, não?

CLAYTON
Vou chamar a polícia.

HELEN
Não. Você não pode.

CLAYTON
Eu fui contratado para seguir seu marido. Eu nem mesmo sei se ele existe.

HELEN
Eu pedi que fizesse isso para me proteger. Meu marido estava desconfiando de mim.

CLAYTON
Ele tinha motivos.

HELEN
Eu não fiz nada de mais. Eu era jovem. Precisava de dinheiro. Tirei algumas fotos que... que eu não me orgulho. Esse homem ameaçava entregar a meu marido. Eu sei que eu fiz tudo errado, mas eu juro, não sou má. Apenas tento sobreviver. Além disso, eu tenho certeza que você não gostaria de explicar para a polícia o que estava fazendo aqui.

CLAYTON
(após um suspiro) O que você sugere?

HELEN
Não podemos deixar o corpo aqui, não é?

DENTRO DA MANSÃO DE ZOLA.
Zola toca um órgão maniacamente. Som de cachorros latindo. Depois som de cachorros chorando. Silêncio.

ZOLA
Helen?

Uma sombra invade o ambiente.

VONETTA
Helen? É esse o nome de sua nova escrava?

ZOLA
Fraulein Vonetta. Wie geht es Ihnen?

VONETTA
Gut. Danke. *(limpando o sangue da boca)* Você continua com essa mania por cachorros.

ZOLA
São criaturas excepcionais, nicht wahr?

VONETTA
Eram.

ZOLA
Arranjo outros amanhã.

VONETTA
Quem garante que haverá um amanhã para você?

ZOLA
Você sempre foi eloquente. *(suspira com um sorriso)* Achei que não queria mais me ver.

VONETTA
Na verdade eu queria vê-lo. Ensanguentado no chão dando seu último suspiro de vida.

ZOLA
Bem, eu estou aqui.

VONETTA
Você encontrou, não é?

ZOLA
Não sei do que você está falando.

VONETTA
A biblioteca. A Biblioteca de Lucchetti. Você encontrou, não é? Por isso veio se esconder em Curitiba.

ZOLA
Otimismo sempre foi sua pior qualidade.

VONETTA
Minhas melhores qualidades querem destruir sua cara agora.

ZOLA
Encontrei a Biblioteca.

VONETTA
(buscando ar) Ela está aqui?

ZOLA
Não. Ela está destruída.

VONETTA
Você está mentindo. Toda essa história de biblioteca é uma mentira.

ZOLA
Encontrei a biblioteca em Amsterdam. Uma família de porcos judeus estavam guardando. Preferiram queimá-la a entregar para mim. Mas... consegui salvar um volume.

VONETTA
Mentira.

ZOLA
O diário de Viktor Frankenstein. Literatura formidável e absolutamente precisa nas descrições. Encontrei a criatura.

VONETTA
Você só pode estar brincando.

ZOLA
Eu nunca brincaria com um assunto desses. Era um volume legítimo da Biblioteca de Lucchetti. Eu li. Li e trouxe à vida um ser superior. O monstro de Frankenstein!

Zola abre uma cortina e revela o monstro de Frankenstein. O monstro avança contra Vonetta. Eles lutam. Zola queima o peito de Vonetta com um relógio de prata. Ela se solta. Vonetta arranca um pedaço do pescoço da criatura com seus dentes. Cospe pedaço de carne fora.
Vonetta continua lutando. Finalmente atravessa o peito do monstro e arranca seu coração.

ZOLA
Neeeeeein!!!!

O monstro cai no chão. Vonetta está cansada.

VONETTA
Talvez você tenha que ler um pouco mais.

ZOLA
Você seria uma vampira perfeita se não tivesse emoção. As emoções são sua pior qualidade. Não entendo porque quer voltar a ser humana.

VONETTA
Sou mais humana que você.

ZOLA
Você diz isso como se fosse uma vantagem.

Zola liga um refletor e aponta para Vonetta. Ela grita e foge da mansão.

HELEN NA DELEGACIA

HELEN
Viemos para Curitiba há poucos meses. Meu marido mandou construir a mansão. O clima de Curitiba era mais agradável

para ele. Sim, ele veio da Europa no fim da guerra. Eu também. Muita gente veio. Meu sobrenome de solteira é da Holanda. O que? Não, não me lembro. Vim para cá quando era uma garotinha. Não foi fácil no começo. Não. Anton não foi meu primeiro casamento. Meu marido antes dele está preso agora. Era um homem muito perigoso, matou um inocente. Anton não. Nos casamos há dois anos. Ele era gentil e sua inteligência me seduziu. Não tenho dúvida que todos desconfiavam de minhas intenções com ele. Sei o que as pessoas pensam. Sei do que desconfiam. Ainda mais o senhor, um detetive da polícia. É seu trabalho desconfiar de mim. Eu lhe garanto. Não me casei por dinheiro. Já disse: nossa relação sempre foi muito além de dinheiro. Era especial. Éramos felizes. Sim, Anton tinha seus momentos de fúria e isso chegou a me assustar, mas nunca abalou o que sentíamos um pelo outro. Acredite. O grande problema foi o tal Clayton. O senhor o conhece, não? Ele trabalhou aqui na polícia. O conhece melhor do que eu. Ele me contou o que houve. História triste. Uma dessas histórias que mudam o jeito da pessoa. Eu não sabia disso quando o contratei. Mas o senhor sabe como ele ficou. Sabe que depois de tudo o que aconteceu ele passou a agir de forma... impulsiva.

EM UMA FLORESTA PERTO DA CIDADE.
Clayton segura uma pá e joga terra em uma cova rasa. Helen observa.

CLAYTON
Espero que esteja ciente que isso vai lhe custar outros 2000 cruzeiros.

HELEN
Dinheiro não é problema.

CLAYTON
Claro. Para quem tem dinheiro, ele é a solução.

HELEN
Tem certeza que o corpo está seguro aqui?

CLAYTON
Claro. Já fui da polícia. Esse é o tipo de lugar que ninguém sabe que existe. Quem vem aqui só está interessado em caçar capivaras. Posso garantir que não há uma quantidade muito grande de caçadores de capivara hoje em dia. Agora me deixe terminar de jogar terra aqui.

HELEN
Posso fazer uma pergunta?

CLAYTON
Eu sinceramente preferia que você não abrisse a boca até que chegue a hora de me dizer "obrigado", "aqui estão 2000 cruzeiros" e "adeus". São as únicas coisas que quero ouvir de você, garota.

HELEN
Me desculpe.

CLAYTON
"Me desculpe" não está na lista de palavras autorizadas. Me espere no carro.

HELEN
Eu não tinha a intenção de ofendê-lo. 2000 cruzeiros nem mesmo começam a retribuir a gratidão que tenho pelo que está fazendo. Não é qualquer homem que faz esse tipo de coisa por uma mulher.

CLAYTON
(terminando a cova e se apoiando na pá) Ok. Me desculpe. Às vezes ajo de forma impulsiva.

HELEN
Foi isso que o fez subir para me proteger?

CLAYTON
Talvez.

Clayton para o público.

CLAYTON
A verdade é que muitas vezes me sinto como um cachorro atrás de uma cadela no cio. Não vejo mais nada e só tenho um objetivo. Claro que eu não queria ser desse jeito. Talvez precise reencarnar mais cinco vezes para tirar isso de mim. Ao mesmo tempo, sei que Helen gosta do jeito animal com que olho para ela.

HELEN
(quebrando o monólogo) Gosto disso.

CLAYTON
Do que?

HELEN
Dessa impulsividade.

CLAYTON
Gosta de se meter em encrencas então?

HELEN
Apenas se a encrenca vale a pena.

CLAYTON
(desconcentrado pela sedução e tentando dissimular) O que você queria me perguntar?

HELEN
Por que você saiu da polícia?

CLAYTON
É uma longa história.

HELEN
Temos uma longa noite.

CLAYTON
Seu marido não estranha que você chega de casa de madrugada?

HELEN
Quando ele mergulha em suas experiências, nem percebe que eu existo. Agora me responda, por que você saiu da polícia?

CLAYTON
(suspirando) Porque eu me atrasei.

HELEN
Não sabia que a polícia era tão rigorosa com horários.

CLAYTON
Não. Eu me atrasei para sair da delegacia. Você já deve ter ouvido falar de um assassino que os jornais chamam de "O Monstro da Noite".

HELEN
Não costumo ler as páginas policiais.

CLAYTON
Deveria. É um psicopata cruel. Mata suas vítimas como se fosse um animal. Não apenas destroça, mas também devora suas vítimas. Os animais do Passeio Público ficam loucos sempre que

ele resolve atacar. Eu trabalhava na delegacia de homicídios e estava investigando este caso. Eu estava obcecado. Luisa dizia para relaxar, mas eu não conseguia.

HELEN
Luisa?

CLAYTON
A garota mais doce que já conheci.

HELEN
Difícil imaginar você apaixonado.

CLAYTON
Não dormia mais tentando encontrar pistas que me levassem a algo. Não encontrava nada. Uma noite eu apaguei na delegacia. Devo ter passado a madrugada lá. Quando acordei, soube que o canalha havia atacado mais uma vez. A vítima poderia ter sido qualquer pessoa, mas foi... Luisa. O monstro sabia que eu a amava. Não foi uma escolha qualquer. Ele a matou para me atingir. Luisa foi o mais próximo que tive do que chamam de "família". *(suspira)* Posso te garantir, garota. Quando a mulher que você ama é assassinada pelo bastardo que você está procurando, não há mais como continuar na polícia.

HELEN
Eu lamento muito.

CLAYTON
Lamentar nunca adiantou nada.

HELEN
Eu sei. Mas é o que as pessoas dizem.

CLAYTON
Acho que é.

HELEN
É difícil amar depois de ver alguém importante ser morto. Conheço bem essa sensação.

CLAYTON
Conhece?

HELEN
Mais do que você pode imaginar.

CLAYTON
Então você não ama seu marido.

HELEN
É complexo. Sei que devemos estar juntos, mas eu tenho medo dele.

CLAYTON
Por causa das experiências que ele faz?

HELEN
Principalmente.

CLAYTON
Ouvi falar que não são muito... ortodoxas.

HELEN
É um jeito de se ver.

CLAYTON
Você já presenciou alguma delas?

HELEN
Prefiro não dizer. Tenho medo.

CLAYTON
De quê?

HELEN
Do que ele pode fazer comigo.

CLAYTON
Você é uma mulher confusa, Senhora Zola.

HELEN
Por favor, me chame de Helen.

CLAYTON
Não gosto de ficar íntimo de minhas clientes.

HELEN
Existe intimidade maior que esconder um corpo juntos?

VONETTA ESCREVE:

VONETTA
Você sabe pela capa deste livro que meu nome é Vonetta Corvinius de Andrassy. Nasci no norte da Hungria em 1447. Fui chamada de bruxa por Torquemada porque me recusei a ceder a seus... desejos. Fui salva da fogueira por Vlad Tepes, também conhecido como Vlad Dracul, também conhecido como Conde Drácula da Romênia. Ele me transformou no que sou. Cavalguei com ele junto ao luar. Fui até seu castelo e ali me juntei a outras duas de suas eternas noivas. Ao contrário das outras, eu não sabia se deveria ou não agradecer a ele por ter me convertido em uma criatura da noite. Por isso fugi do castelo. Passei os últimos 300 anos tentando entender em que me transformei de verdade. Quando trabalhei para Zola, eu achava que estava encontrando. Faríamos um ser híbrido. Talvez ali encontrasse alguma razão em tudo isso. Encontrei. Não do jeito certo. *(suspira)* Quando acompanhei Zola até

Auschwitz e vi o que haviam feito, compreendi que eu não podia mais ser um monstro. Eu precisava ser humana. A única forma de fazer isso é matando quem me transformou em Vampira. Mas onde está Dracula? A resposta está nos livros místicos da Biblioteca do Dr. Lucchetti. Se é que ela existe mesmo. A Biblioteca era a coleção de livros do misterioso Dr. Lucchetti, um estudioso do mundo das sombras. Dizem que se você lê os volumes, se conecta com seres que a humanidade dúvida existir. Preciso reencontrar o maior dos monstros para voltar a ser humana. É apenas isso que eu quero. Claro que estou sendo irônica quando falo "apenas". Não existe nada mais difícil que ser verdadeiramente humana. Já vi muitos passarem a vida toda sem humanidade. Já vi de tudo. Acredite em mim. Nasci em 1447.

DENTRO DO CARRO DE CLAYTON
Helen e Clayton no carro voltando para a cidade.

HELEN
Não é a primeira vez que você faz isso, não é?

CLAYTON
O que a faz pensar isso?

HELEN
Minha intuição me diz que não é a primeira vez.

Clayton ri.

HELEN
O que foi?

CLAYTON
Nada. Você está falando como Vonetta. Ela sempre diz essa coisa de intuição.

HELEN
A intuição feminina nunca deve ser desprezada.

CLAYTON
Talvez.

HELEN
A intuição dela costuma estar certa?

CLAYTON
Quase sempre.

HELEN
Você e ela... ?

CLAYTON
Não. Não mais. Tivemos algo um dia, mas nunca ia dar certo. Ela é uma boa amiga.

HELEN
Isso foi antes ou depois da Luísa?

CLAYTON
Lembra o que eu falei sobre você fazer perguntas?

HELEN
Desculpe.

CLAYTON
Foi antes e não. Essa é a primeira vez que enterro um cadáver. Já vi muitas covas rasas, mas essa é a primeira que faço. E você?

HELEN
Eu?

CLAYTON
É a primeira vez que mata um homem?

HELEN
É a primeira vez que salvo alguém de ser assassinado.

CLAYTON
Agora sabe como é matar alguém.

HELEN
Você sabe?

CLAYTON
Mais perguntas?

HELEN
Você me mataria se fosse preciso?

CLAYTON
Não a conheço o suficiente para poder dizer isso.

HELEN
Se conhecesse, me mataria?

CLAYTON
Que tipo de pergunta é essa?

HELEN
Uma com um ponto de interrogação no final.

CLAYTON
São as mais perigosas.

HELEN
Pode parar o carro?

CLAYTON
Por que?

HELEN
É lua cheia hoje. Se esperarmos as nuvens podem dissipar e... quero demorar mais um pouco antes de chegar em casa.

CLAYTON
Engraçado.

HELEN
O que?

CLAYTON
Não me lembro de ver a lua cheia no céu.

HELEN
Curitiba. Chove muito por aqui, não é?

CLAYTON
Talvez isso ou talvez eu esteja sempre olhando para a sarjeta.

Eles param o carro. Saem. Ela anda em direção a um penhasco. Olha para a Lua. Ele acende um cigarro para ela.

HELEN
Obrigada.

CLAYTON
Vai ser difícil ver alguma lua hoje.

HELEN
Pena.

CLAYTON
(percebe um hematoma em seu braço) Não sou apenas eu que me meto em brigas.

HELEN
Não é nada.

CLAYTON
Seu marido.

HELEN
Não é qualquer homem que consegue fazer isso em mim.

CLAYTON
Você gosta disso, não?

HELEN
Você fala isso como se eu fosse um monstro.

ZOLA DURANTE UMA PALESTRA EM 1944:
Zola controla dois cachorros com mãos hipnóticas.

ZOLA
O que sabemos do que é monstruoso? O objetivo da ciência é mergulhar para além daquilo que é conhecido; e nós os verdadeiros homens da ciência, muitas vezes somos considerados crueis e selvagens por buscarmos isso. A função de todo cientista é abrir as portas para um novo mundo, dissipar a névoa que cobre a mente das pessoas. Devemos ser curiosos e suficientemente ousados. Uso métodos que vão de encontro com os padrões necessários a nossa época. Meu trabalho não se limita a seguir os passos de meus antecessores e nem é tão medíocre quanto os contemporâneos. Quero ir muito além. Romper as fronteiras do desconhecido. No desconhecido está a resposta para o alvorecer de uma nova era. Todos os segredos do desconhecido são revelados nos volumes da Biblioteca

do Dr. Lucchetti. Por isso não medimos esforços para encontrá-la. Nossos agentes de inteligência sugeriram que eles podem estar com uma família de judeus – sim, justamente os porcos judeus – que se intitulam Os guardiões da Biblioteca. *(para alguém da plateia)* O que? Fräulein Vonetta? Bem, digamos que eu e ela encontramos algumas diferenças ideológicas. Não importa. O conhecimento da Biblioteca é maior.

DE VOLTA AO PENHASCO COM HELEN E CLAYTON
Helen está o tempo todo com um punhal de prata, mas Clayton nunca o vê em suas mãos.

CLAYTON
Posso fazer uma pergunta?

HELEN
Eu preferia que ficássemos quietos até isso terminar.

CLAYTON
Você fez tantas perguntas, devo ter direito a pelo menos uma.

HELEN
Tudo bem. Uma. Escolha bem.

CLAYTON
O que a fez casar com Zola?

HELEN
Já disse, é complexo.

CLAYTON
Você fala a verdade?

HELEN
Sempre. Nem sempre a verdade que as pessoas acreditam, mas a minha verdade é o que conta. O mesmo vale para você, não é?

CLAYTON
Verdade é verdade. Uma só.

HELEN
A verdade é aquilo que você prefere acreditar. Você está buscando a verdade sobre a morte de Luisa. Acredita em o que quiser para ter pelo menos uma verdade.

CLAYTON
(para o público) Quanto mais eu olhava para ela, mais eu me sentia... transparente. Era como se ela estivesse sugando minha mente e alma. Com diabos, a única coisa que me restou foi o corpo.

HELEN
Estou tão errada assim?

CLAYTON
Talvez. Melhor ir embora.

HELEN
Só mais um pouco.

CLAYTON
A lua não vai aparecer.

HELEN
Não estou mais esperando pela lua.

CLAYTON
Espera o que?

HELEN
Que você faça agora o que está querendo fazer.

Ela olha para ele. Ele a pega violentamente e a beija.
Blecaute. Luz.

HOMEM DE CHAPÉU
(para Vonetta) Boa noite.

VONETTA
Não há melhor lugar no mundo para uma vampira do que Curitiba. Falta sol e sobram canalhas.

Um homem de chapéu entra em cena.

VONETTA
Boa noite.

HOMEM DE CHAPÉU
Frio.

VONETTA
Um pouco.

HOMEM DE CHAPÉU
Deve gear daí.

VONETTA
Acho engraçado.

HOMEM DE CHAPÉU
O que?

VONETTA
Você falar do tempo depois do que fez?

HOMEM DE CHAPÉU
O que foi que eu fiz?

VONETTA
Eu vi você ontem à noite.

HOMEM DE CHAPÉU
Puxa, está de olho em mim, broto?

VONETTA
Estou. Desde ontem quando você estava com aquela menina.

HOMEM DE CHAPÉU
(nervoso) Que menina?

VONETTA
Aquela que não queria nada contigo.

HOMEM DE CHAPÉU
Não sei do que você está falando.

VONETTA
Aquela que você rasgou as roupas.

HOMEM DE CHAPÉU
Você é polícia? Veja bem, ela estava pedindo...

VONETTA
Aquela que implorou pra você parar.

HOMEM DE CHAPÉU
Quem diabos é você?

Vonetta ataca o homem. Suga seu sangue.

Com a boca manchada de vermelho. Ela vem novamente a frente.

VONETTA
Ninguém sente falta deles. Ao contrário. Dão graças por eles terem desaparecido. E eu agradeço por me fornecerem sangue quando preciso. Sei que não é a melhor forma de voltar a ser humana, mas não tenho muita opção. Preciso disso. Já faz tanto tempo que preciso disso que nem sei se vou me acostumar a viver sem isso se voltar a ser humana. Por enquanto o máximo que consigo me aproximar disso é trabalhando como jornalista policial. O trabalho é à noite. Me ajuda a me aproximar de canalhas como esse. Me ajudou a conhecer Clayton. Me ajuda a lembrar cada vez menos de tudo o que aconteceu antes. Tudo aqui em Curitiba ajuda a esquecer. Este é o melhor lugar para se esquecer e ser esquecida. Quais são as chances de seu passado vir até aqui para bater na sua porta querendo se vingar? Quando você é uma vampira, compreende com mais facilidade que as barreiras do tempo e da morte não existem. O tempo e a morte não têm fim. Mas você não precisa ser como eu para entender isso.

ESCRITÓRIO DE CLAYTON
Clayton entra no escritório. Vai até a mesa da escrivaninha, acende a luz. Vonetta está ali.

CLAYTON
Você quer me matar?

VONETTA
Onde é que você estava?

CLAYTON
Minha intuição me diz que você está exagerando.

VONETTA
Minha intuição me diz que você fez uma besteira das grandes.

CLAYTON
Minha intuição me diz que você está se intrometendo demais na minha vida.

VONETTA
Minha intuição diz que você precisa me ouvir.

CLAYTON
Essa brincadeira não tem mais graça, Vonetta.

VONETTA
Não tem mesmo. O que foi que você fez com Helen Zola?

CLAYTON
Você estava me seguindo de novo?

VONETTA
Eu só queria...

CLAYTON
Andei pensando. Toda essa sua preocupação. Você sempre atrás de mim. Todos esses anos fiquei imaginando que quem matou Luisa era um homem. Por que nunca pensei em você?

VONETTA
O que está dizendo?

CLAYTON
Faz todo o sentido, não?

VONETTA
Você não pode estar falando sério.

CLAYTON
Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

VONETTA
Clayton, o que você está pensando é absurdo.

CLAYTON
É tão absurdo assim? Todos esses anos e eu ainda não sei nada sobre você. Essa sua mania de só me encontrar à noite, sua obsessão em estar sempre perto de mim, você é louca.

VONETTA
Você está me magoando.

CLAYTON
A verdade magoa, não?

VONETTA
Fiz a pergunta errada. O certo seria perguntar o que Helen Zola fez com você.

CLAYTON
Não traga Helen para essa história!

VONETTA
Agora é apenas "Helen"?

CLAYTON
Está vendo? Ciúmes. Que tipo de psicopata é você? Saia já do meu escritório. Você é uma jornalista policial, não é? Vá atrás de alguma notícia. Se ficar mais tempo aqui, a única coisa que terá para escrever será o seu próprio obituário.

Vonetta fica sem palavras. Sai lentamente. Deixa a chave do escritório com ele. Assim que ela bate a porta, o telefone toca.

CLAYTON
John Clayton, investigador particular. Helen? Fique calma, chego em 15 minutos.

Sai

DENTRO DA MANSÃO DE ZOLA.
Helen ao telefone. Zola entra.

HELEN
Tudo bem, eu espero.

ZOLA
Com quem você estava falando?

HELEN
Ninguém importante.

ZOLA
A essa hora da madrugada, não deve ser tão insignificante assim.

HELEN
Estou falando, Anton. Não é nada.

ZOLA
Você sabe que eu me preocupo com você.

HELEN
Claro.

ZOLA
E sabe que eu não me importo com seus amantes.

HELEN
Você é ridículo.

ZOLA
Sou, mas apenas para você, minha querida Helen.

Ele a domina segurando pelo pulso. Ela revida segurando ele pela garganta. Ele geme em prazer.

HELEN
Você quer que eu faça aquilo de novo contigo?

ZOLA
(retirando a mão da garganta gentilmente) Hoje não, meu amor. Hoje não.

HELEN
Por que não? Talvez não haja amanhã para você.

ZOLA
Não há ser humano mais perfeito que você. Desprovida de moral. Despida de sentimentos. Tudo o que eu mais busquei em toda a minha vida. Tudo está em você. Eu a invejo. O que sinto por você, você jamais sentirá por mim. É perfeita. Em cada centímetro do corpo. Em cada célula do cérebro.

HELEN
E você ainda não sabe absolutamente nada sobre mim.

ZOLA
O que a torna eternamente fascinante.

HELEN
Não sabe que a pessoa que eu estava no telefone é um homem de verdade. Não um verme como você.

ZOLA
Cuidado, querida. Até mesmo eu tenho meus limites.

HELEN
Um homem que pensa que você bate em mim. Se ele soubesse que é você quem gosta que eu...

ZOLA
Nosso acordo é claro: não me importo com seus amantes, mas não traga nenhum deles para cá e não se envolva com nenhum deles.

HELEN
Talvez seja hora de mudar o acordo. A vida muda. A ciência muda. Bem, muita coisa muda na ciência, mas não graças a você.

ZOLA
Esse é um lugar muito perigoso que você está entrando, minha querida.

HELEN
É perigoso há muito tempo.

ZOLA
Essa conversa está durando tempo demais e eu ainda não entendi onde ela quer chegar.

HELEN
Todos esses anos, te humilhando com todos os meus amantes...

ZOLA
Sabes que não me importo.

HELEN
Te humilhando na cama...

ZOLA
Sabes do que eu gosto.

HELEN
É hora de levar tudo isso para um novo nível.

ZOLA
Tente.

HELEN
Eu quero – eu exijo – que você morra.

ZOLA
Se eu fizer isso, tudo acaba. Esse é o paradoxo de nós dois. Gostamos da dor. A dor da agonia de quem está prestes a morrer. Se eu morro, a dor acaba e o prazer também. Não queremos que isso aconteça.

HELEN
Talvez esteja na hora de eu arranjar outro homem para humilhar.

ZOLA
Não. Isso não.

HELEN
Você me entedia.

Num rompante súbito, Helen avança contra Zola com a adaga de prata, mas ele consegue dominá-la. Ela larga a adaga. Pega Helen pelo cabelo e a acorrenta.

ZOLA
Você será a matriz para minha maior criação.

ZOLA
Não está na hora de você procurar outro homem. Talvez esteja na hora – isso sim – de fazer um filho em você, trancá-la em casa até o parto. Eu só preciso dos seus genes. Só quero uma coisa de você agora: um filho. Então você poderá morrer.

Clayton entra na sala.

CLAYTON
Fique longe dela, seu bastardo pervertido.

ZOLA
Ah. Esse é o tal amante? Que decepção. Esperava mais de você, Helen.

CLAYTON
Prometo que meu cruzado de direita não vai te decepcionar.

Zola saca uma pistola do bolso. Clayton faz o mesmo.

ZOLA
Isso aqui é emocionante o suficiente para acabar com seu tédio, Helen?

CLAYTON
Não preciso de nenhuma desculpa para enfiar uma bala em sua cabeça.

ZOLA
Você não tem o olhar de assassino, senhor...

CLAYTON
Há uma primeira vez para tudo.

ZOLA
Não seja rude, eu perguntei seu nome. Pode me fazer a gentileza de pelo menos se apresentar. Gostaria de saber o nome de quem quer me matar.

CLAYTON
Tudo bem. Essa vai ser a última palavra que você vai ouvir. Meu nome é Clayton.

ZOLA
Clayton?

CLAYTON
Além de abusar de mulheres você também é surdo?

ZOLA
Qual o nome de sua mãe?

CLAYTON
O que? Agora você quer saber de minha família? Que tipo de maluco é você?

ZOLA
Seus olhos. Iguais aos dela. Puros. Você é filho de Barbara.

HELEN
Eu o encontrei antes de você. É ele.

CLAYTON
O que vocês estão dizendo? Quem é Barbara?

ZOLA
Não pode ser. Você deveria estar morto.

HELEN
Olhe para a marca de estrela na mão direita. Quem mais teria isso?

ZOLA
Você deveria estar morto!!!

HELEN
É lua cheia, abra a cortina e veja se não é verdade.

CLAYTON
Vocês dois estão loucos.

Zola anda em direção a janela.

CLAYTON
Fique exatamente onde está ou eu atiro.

Zola continua.

CLAYTON
Eu juro que eu vou meter uma bala no meio de sua cabe...

Zola abre a cortina. A luz do luar invade a sala, Clayton larga a arma e uiva de dor. Começa a se transformar. Zola olha fascinado. Clayton surge como um lobisomem. Uiva. Olha e ruge para Zola.
Clayton avança contra Zola que tenta agarrar a adaga de prata para se defender, Helen chuta a adaga para longe. Zola dá um surpreendente soco no queixo de Clayton e consegue espaço para alcançar a adaga. Um leve corte em Clayton e ele se afasta. Zola controla Clayton com mãos hipnóticas.

ZOLA
Fascinante! Todos esses anos. Barbara fugiu com ele no ventre. Minha primeira criação.

HELEN
Como você se sente agora que vai morrer pelas presas de sua própria criação?

ZOLA
Eu não vou morrer hoje. Olhe para esta criatura estupenda! Como você sabia? Como sabia dele? Da adaga de prata?

HELEN
Eu sei de mais coisas que você imagina, seu idiota.

Clayton volta os olhos para Helen.

ZOLA
Olhe para ele. Mesmo em sua forma bestial ele ainda a deseja. Excelente. *(olha para Clayton)* Você a quer, não? Quer para devorá-la ou para copular?

HELEN
O que você está fazendo, Anton?

ZOLA
É perfeito. Um ser superior gerando um filho em você, uma mulher sem moral.

Clayton se aproxima de Helen. Rasga suas roupas. Cheira seu corpo como um cachorro.

ZOLA
É genial. Nem mesmo a Biblioteca de Lucchetti poderia conter uma ideia brilhante como essa.

HELEN
Você quer a Biblioteca de Lucchetti?

ZOLA
O que você sabe sobre ela? Não queria ficar com seu amante? Aproveite.

Clayton agarra Helen como um animal. Ela grita. Vonetta entra e salta sobre Clayton. Morde seu pescoço. Ele uiva. Eles lutam duramente. Zola e Helen apenas observam com os olhos esbugalhados.

VONETTA
(para Clayton) Olhe para mim, Clayton. Você sabe quem sou.

Ele a ataca novamente. Ela o afasta.

VONETTA
Você não quer fazer comigo o mesmo que fez com Luisa, não é?

Clayton abaixa a cabeça. Depois levanta o corpo inteiro e uiva.

VONETTA
Eu não sou sua inimiga. *(aponta para Zola)* Ele é.

Clayton se volta para Zola e bufa. Zola o controla com mãos hipnóticas.

ZOLA
Eu, inimigo? Não, eu sou seu criador.

VONETTA
Que tipo de criador gera uma criatura com uma maldição?

ZOLA
Não sei. Talvez você devesse perguntar o mesmo ao seu Conde Vlad Dracul. As coisas estão ficando quentes por aqui, não?

Clayton ataca Vonetta novamente. Ela se solta e consegue cortar uma das correntes de Helen com os dentes. Helen pega a adaga de Zola e – num gesto súbito – enfia a adaga no peito de Clayton.

VONETTA
Não!!!!

Clayton cai no chão. Vonetta vai socorrê-lo. Helen olha para Zola.

HELEN
Não era bem isso o que eu havia planejado para hoje, mas já que temos aqui uma vampira e um lobisomem, então tudo está valendo.

ZOLA
Helen, Ich liebe dich.

Helen pega uma das correntes que a seguravam e passa em volta do pescoço de Zola.

HELEN
Não, meu amado marido, hoje não é só mais uma noite para pequenas humilhações na cama. Isso não é só mais uma de nossas brincadeiras. Já me diverti o suficiente te degradando e vendo você gostar disso. Você foi odiado por muitos, mas gostou de ser humilhado por quem mais te odiou. Te odeio a cada dia que passa, te odeio desde que olhamos um para o outro, te odeio desde que você matou minha família em Amsterdam. Sim, Anton. Eu sobrevivi. Justamente eu. A filha dos guardiões da Biblioteca. Vivi treze anos no meio daqueles livros, li cada um daqueles volumes achando que eram apenas contos de fadas. Me lembro de cada linha, de cada imagem, de cada letra. Minha memória fotográfica guardou cada um daqueles volumes dentro de mim. Você ficou anos procurando pela Biblioteca do Dr. Lucchetti e não sabia que estava dormindo com ela. Não fique triste. Não ache que essa é minha humilhação final. Quando eu chegar ao inferno, te atormentarei pela eternidade.

Ela aperta a corrente mais forte até quebrar o pescoço de Zola. Suas costas deslizam pelo corpo de Helen e ele cai.

VONETTA
Eu sabia que você era problema.

HELEN
Só não sabia o quanto.

Vonetta avança contra Helen. Elas se jogam no chão e brigam. Vonetta tenta morder Helen, que a segura pelo pescoço.

HELEN
Não, não! Você não quer também a biblioteca de Lucchetti? Se me matar, jamais saberá onde está o túmulo de Dracula. Não é isso que busca?

VONETTA
Você sim é a criatura mais pérfida que já conheci.

HELEN
Sou apenas o resultado de circunstâncias. Você sabe que o mundo pode ser duro para uma mulher. Mesmo para uma amante de Nosferatu.

VONETTA
Você não sabe de nada.

HELEN
Ao contrário. Eu sei de tudo. Por anos fiquei jurando que aquelas histórias eram apenas lendas bobas, mas agora que vi você e Clayton e as experiências que Anton fez com um cadáver... agora eu sei... eu tenho todo o conhecimento que preciso para sobreviver. Não sou má. Sou sobrevivente. Para provar que existe alguma bondade em mim, dou meia hora para você tirar o corpo de seu cãozinho daqui antes de chamar a polícia. Agora se me der licença, eu preciso tomar um banho para receber os policiais.

Helen sai. Vonetta arranca a adaga do peito de Clayton. O beija com ternura nos lábios. Depois de alguns segundos, ele acorda.

CLAYTON
O que aconteceu?

VONETTA
Minha intuição me diz que vai ficar tudo bem.

CLAYTON
Minha intuição me diz que eu preciso mais do que nunca acreditar na sua intuição.

Eles se beijam. Vonetta ajuda Clayton. Na saída, cospe no corpo de Zola e pega o Diário de Frankenstein.

CLAYTON
Que livro é esse?

VONETTA
É uma longa história.
HELEN ATENDENDO O INVESTIGADOR.

HELEN
Então foi isso, Delegado. Clayton ficou obcecado por mim. Eu falei para ele que jamais trairia meu marido. Mas ele invadiu nossa casa e... parecia um monstro. Sei que minha história pode parecer estranha, mas eu estou aqui falando com o senhor e Clayton sumiu, isso não é extremamente suspeito? Asseguro, Clayton é um homem perigoso. Espero que vocês consigam pegá-lo. O que? Eu? Bem, assim que o senhor permitir, quero sair de Curitiba. Aquela casa guarda lembranças ruins. O senhor vai me entender. Preciso recomeçar a vida em outro lugar.

CARRO DE CLAYTON.
Vonetta e Clayton no carro.

CLAYTON
A única estrada possível era aquela que nos levasse para o mais longe possível daquela cidade. Depois da armadilha que Helen Zola armou para mim, não podia mais ficar ali. Eu não devia ter aceitado aquele caso. Eu não deveria ter aceitado nenhum caso. Melhor achar outro lugar onde eu possa viver de vinte em vinte cruzeiros, mas onde minha costela possa aguentar mais um pouco. Vonetta está comigo. Eu confio nela. Toda vez que olho para ela, sei que guarda um segredo. Bem, qual mulher não guarda?

VONETTA
Ficamos no carro dirigindo por noites e noites. Não falávamos nada um para o outro. Assim como nunca falei nada sobre como Luiza morreu, nem sobre a criatura que habita dentro dele. Apenas dirigimos. Não há porque falar disso. Não há porque falar que os homens, mesmo homens como ele, envelhecem e morrem, e eu estarei aqui. A minha busca pela humanidade, pela Biblioteca de Lucchetti, se transformou em uma busca por Helen Zola. Acho que isso é outra história e minha intuição me diz que terei de viver outras centenas de anos para saber qual o fim dela.

EPÍLOGO.

Lettering: Hungria, meses depois. Helen caminha por um campo onde está um camponês carregando uma caixa de cerejas.

CAMPONÊS
(em húngaro com legendas) Elveszett? *(Perdida?)*

HELEN
Desculpe, eu não falo sua língua.

CAMPONÊS
(com um forte sotaque) Do you speak English?

HELEN
Quero ir naquele castelo.

CAMPONÊS
(em húngaro) Não fique aqui. Cuidado com os animais perigosos. A Noite. Muito perigoso.

Oferece uma maçã a Helen.

HELEN
O senhor é muito gentil

Helen saca a adaga de prata para descascar a maçã, mas surpreende o camponês e corta seu pescoço. Derrama o sangue em um cantil. Caminha mais um pouco. Uma SOMBRA sobre ela.

DRÁCULA
(em off) Já vivi séculos o bastante para saber que você não é apenas uma inocente turista aqui.

HELEN
Trouxe algo que vai gostar. *(derrama o sangue do cantil em uma taça e oferece para Drácula)*

DRÁCULA
(em off) Quem diabos é você?

HELEN
Eu? Sou a Biblioteca do Dr. Lucchetti.

A música sobe.
Blecaute.

FIM